

# Economia Solidária na Escola

**William Martins**

# **Economia Solidária na Escola**

**William Martins**

**Edição e capa: William Martins**  
**Editoração eletrônica: Rita de Cássia Guimarães**  
**Contato: [william73martins@outlook.com](mailto:william73martins@outlook.com)**

**M379e Martins, William- 1973**  
**Economia solidária na escola - William Martins**  
**São Paulo, Edição do Autor, 2016. 102 p.**  
**1. Educação 2. Economia Solidária**

## Sumário

Apresentação .....	7
O Conceito de Economia Solidária .....	9
Primeira aproximação com a escola .....	11
Avanços e retrocessos .....	12
Incubadora .....	19
Ipeps - Diadema .....	20
Ipeps - Diadema chega à escola .....	23
“Prato Firmeza” .....	24
Uniferco .....	27
Catadores de Recicláveis .....	30
Ourinhos .....	31
Escola e democracia .....	32
Economia solidária no Ensino Fundamental I .....	37
Enxadas Coloridas .....	42
“Queremos plantar!” .....	43
Técnica do arranque .....	45
Viveiros de mudas .....	46
A importância do sol .....	47
Transplântio .....	48
Rabanetes e joaninhas .....	48
Alimentação saudável .....	50
Polo cultural .....	53
Evento literário .....	60
Pintura mural .....	61
Costura .....	63
Reciclagem na escola .....	65

## Sumário

Experiências com Educação de Jovens e Adultos .....	69
Economia solidária no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio .....	71
Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária .....	78
Legislação da Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária .....	83
Economia e qualidade na educação .....	89
Economia Solidária no Plano Municipal de Educação de Diadema .....	94
Economia Solidária no Ensino Superior .....	97
Considerações finais .....	99
Bibliografia .....	102

## **Lista de siglas**

EMEB – Escola Municipal de Educação Básica

FNDE – Fundo Nacional pelo Desenvolvimento da Educação

ITCP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNAIC – Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar



## Apresentação

Tomei ciência do movimento de economia solidária em 2003 quando cursava a disciplina de Administração Escolar ministrada pela professora Sonia Kruppa, na Feusp. Naquele ano foi criada a Senaes – Secretaria Nacional de Economia Solidária, tendo à frente Paul Singer, enquanto a referida professora ocupou a chefia de gabinete.

Já o primeiro contato, mesmo de forma indireta, com a prática da autogestão, aconteceu durante o período em que frequentei o projeto Base Cultural, criado e administrado por um coletivo de artistas de Itaquera. Além de oficinas em diversas linguagens artísticas, o grupo organizava festas e mostras em sua sede. Desde a oferta de cursos, passando pelo valor das mensalidades, despesas de aluguel, manutenção do galpão e a organização dos eventos, tudo era discutido e deliberado de forma democrática em assembleias realizadas pelo grupo, e cada participante tinha direito a um voto. Essa experiência resultou no TCC<sup>1</sup> “A Base Cultural - experiência de autogestão e ação cultural em Itaquera” com o qual encerrei minha graduação em Pedagogia na Feusp, em 2006.

---

<sup>1</sup> Ver site [dedalus.usp.br](http://dedalus.usp.br)

Em outubro de 2013 reencontrei o tema, dessa vez no I Simpósio de Educação de Diadema. A oficina foi apresentada pela equipe responsável por implantar o projeto na escola Fabíola de Lima Goyano. A partir desse encontro minha relação com o grupo foi se estreitando até resultar no convite feito pelo Tônico, coordenador da economia solidária, para eu entrar na equipe.

Considerando que há mais teoria na educação do que areia no deserto do Saara, esse livro reúne o registro de ações práticas desenvolvidas pelo projeto na rede municipal de ensino de Diadema, onde é aplicado principalmente com alunos e alunas do programa de educação integral Cidade na Escola, o qual, por sua vez, tem a Casa da Economia Solidária como um de seus parceiros, respondendo pela construção e manutenção da horta escolar, atividades culturais, reciclagem e formação de professores procurando apresentar à escola a história, princípios e benefícios da economia solidária.

## O Conceito de Economia Solidária

Ao conjunto de atividades econômicas organizadas sob a forma de cooperativas e associações voltadas para a geração de trabalho e renda por meio da produção e comércio de bens e serviços, tendo como princípio administrativo a autogestão, dá-se o nome de economia solidária.

Surgiu no século XIX na cidade de Rochdale, Inglaterra quando um grupo de 27 operários e uma operária que estavam desempregados, resolveu montar uma cooperativa de consumo. No dia 21 de dezembro de 1844 eles abriram sua loja para vender açúcar, farinha de aveia, manteiga e velas, e com o passar do tempo incluíram outros produtos. Para administrar o empreendimento, criaram alguns princípios, os quais são usados até hoje. Entre eles está o conceito de porta aberta, garantindo a liberdade de ingresso e saída caso o associado assim o desejar. Outra ideia importante é a da participação econômica dos sócios, garantindo, assim, a posse dos meios de produção por aqueles que neles trabalham. A administração democrática, também chamada de autogestão, supera a ideia capitalista de gerência enquanto controle do trabalho alheio, e passa a usar uma prática na qual a gestão do empreendimento é feita de forma democrática, em assembleias onde cada sócio tem direito a um voto.

Calcula-se que existam no Brasil aproximadamente 30 mil empreendimentos econômicos solidários, gerando trabalho e renda para mais de 2 milhões de pessoas e movimentando cerca de 12 bilhões de reais por ano<sup>2</sup>. Compõe esse conjunto, cooperativas de agricultura familiar, cooperativas de catadores de recicláveis, empresas recuperadas, bancos comunitários e artesanato.

---

<sup>2</sup> redebrasilatual.com.br 24/12/2014 16:45

## Primeira aproximação com a escola

A economia solidária começou a se aproximar das escolas a partir do momento em que foi sancionada a Lei nº 11.947 de 16 de junho de 2009, a qual determina que no mínimo 30% dos fundos repassados pelo FNDE no âmbito do PNAE deverão ser utilizados para aquisição de gêneros alimentícios comprados diretamente da agricultura familiar. São milhões de alunos e alunas saboreando diariamente refeições cujos ingredientes foram produzidos por cooperativas e associações formadas por pequenos agricultores.

Para garantir o cumprimento da lei o CAE – Conselho de Alimentação Escolar formado por representantes da comunidade, do executivo, professores e pais de alunos fiscaliza, no âmbito municipal ou estadual, a devida aplicação dos recursos do FNDE na aquisição de alimentos. É o chamado controle social na alimentação escolar.

O controle é necessário para evitar a entrada de penetas na grande festa da justiça social, como aconteceu em São Paulo com a chamada “Máfia da Merenda”, quando grandes empresas usaram cooperativas de fachada para vender produtos superfaturados.

A agricultura familiar se divide em dois grupos.

O primeiro diz respeito a um cooperativismo que usa mão de obra assalariada, e o segundo grupo, surgido principalmente a partir dos assentamentos do MST, funciona no sistema de autogestão, ou seja, não existem assalariados, todos são sócios com direito a voto. E foi das cooperativas ligadas aos sem terra que a prefeitura de São Bernardo, por exemplo, chegou a usar 100% de sua receita para comprar ingredientes da alimentação escolar<sup>3</sup>.

Outro aspecto a ser considerado é a forma de se produzir os alimentos. O sistema convencional inclui uso de fertilizantes e agrotóxicos, é praticado principalmente pelo agronegócio e traz como consequência o adoecimento de agricultores, poluição do ar e dos rios e a contaminação dos alimentos. O sistema agroecológico, por sua vez, se vale da mistura de saberes tradicionais e científicos, diversidade de produção e sazonalidade para cultivar alimentos sem veneno, preservando a saúde de camponeses, consumidores e do meio ambiente.

Formas de comercialização, controle social, autogestão, agroecologia, alimentação saudável e preservação da natureza são temas que podem entrar na sala de aula em forma de atividade avulsa, sequência didática ou projeto.

---

<sup>3</sup> Ver [ultimosegundo.ig.com.br](http://ultimosegundo.ig.com.br) 14/10/2013.

## **Avanços e retrocessos**

Em 2002 Paul Singer publicou “Introdução à Economia Solidária”, um clássico sobre o tema e leitura obrigatória aos que pretendem se aprofundar no assunto. No texto o autor elencou algumas “invenções”<sup>4</sup> brasileiras enquanto exemplos de vigor no cenário da economia solidária. Entre eles encontra-se a Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e de Participação Acionária (Anteag), que ajudou a recuperar diversas empresas falidas. Destacou a contribuição das Incubadoras Tecnológicas, aquelas ligadas às universidades e, por último citou a Usina de Catende, em Pernambuco: agroindústria açucareira com 4 mil funcionários, à época tentando emplacar um sistema de autogestão.

Passados 15 anos é importante avaliar os avanços e retrocessos. Começemos pelo último: a Anteag não existe mais e hoje, das 200 empresas que foram recuperadas desde os anos 90, existem 67 em atividade, lembrando sempre que nem todas foram recuperadas exclusivamente pela Anteag, e quanto à Usina de Catende, ela teve sua falência decretada pela justiça.

Já entre os avanços, tivemos o surgimento de Incubadoras Públicas em âmbito estadual como na Bahia, e no domínio municipal como em cidades do

---

<sup>4</sup> Singer, 2002, p. 121.

interior e da região metropolitana de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

No setor de reciclagem, a Lei 12.305 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, determinou o fim dos lixões, a organização dos catadores em forma de cooperativas e a contratação dessas cooperativas, pelo município, para realizar a coleta seletiva da cidade. Recicla Ourinhos foi uma das primeiras cooperativas de catadores a ser contratada por uma prefeitura, dando início a um processo que vem se espalhando nos municípios do entorno.

Em 2015 a prefeitura de Presidente Prudente, interior de São Paulo, assinou contrato com a Cooperlix, um empreendimento com mais de 100 trabalhadores, para realizar a coleta seletiva da cidade. O valor é de 120 mil reais mensais<sup>5</sup>.

No meio rural, recursos do Pronaf saltaram do valor de dois bilhões de reais em 2002<sup>6</sup> para chegar a 30 bilhões<sup>7</sup> referentes ao biênio 2016/2017. Além disso, o MST vem organizando cooperativas de agricultura familiar genuinamente autogestionárias e conquistando espaço no comércio de alimentos graças à aprovação da Lei 11.947, e outra similar determinando que os governos devem comprar também no mínimo 30%

---

<sup>5</sup> Site do MNCR 05/05/2015.

<sup>6</sup> Disponível em [brasil.gov.br](http://brasil.gov.br) 06/09/2012 agricultores familiares terão mais acesso a crédito

<sup>7</sup> Ver site [agenciabrasil.ebc.com.br](http://agenciabrasil.ebc.com.br)

dos alimentos do PAA da agricultura familiar.

Apesar da verba recorde do Pronaf em 2016, não houve destinação de recursos para contratação de assistência técnica<sup>8</sup>, cuja finalidade é qualificar associações e cooperativas de agricultura familiar para vender seus produtos junto ao PNAE, PAA e no setor privado. O governo erra em não oferecer recursos para assistência técnica, pois o produtor que não sabe preencher a documentação, não consegue vender seus alimentos. E deixar o agricultor depender de forma permanente da assistência técnica é o mesmo que tratar os efeitos de uma doença ao invés de atacar a causa. A causa, como sabemos, é a baixa escolaridade do pequeno agricultor, e o remédio adequado seria construir escolas rurais com oferta de educação para jovens e adultos, articulada com as necessidades dos seus usuários, porém a situação atual se mostra desoladora, pois “de 2002 para cá foram fechadas mais de 30 mil escolas rurais no país”<sup>9</sup>.

Da mesma forma que as crianças gostam de enfeitar seus cadernos com adesivos e figurinhas, alguns consultores e universitários enfeitam seus currículos realizando workshop e oficinas com catadores de recicláveis, porém, com uma diferença: enquanto o adesivo e as figurinhas das crianças custam barato, consultorias e assistência acadêmica custam milhões de reais aos cofres públicos, mas sem apresentar

---

<sup>9</sup> [redebrasilatual.com.br](http://redebrasilatual.com.br) 09/03/2017

resultados satisfatórios. Portanto, esperar que o catador avance somente com formações terceirizadas é o mesmo que esperar que esse mesmo catador tenha que atravessar a cidade numa bicicleta ergométrica: ele não sai do lugar. A escola, novamente, seria a melhor solução, sendo necessário incentivar o catador a iniciar ou ampliar sua escolaridade através da alfabetização, letramento e formação crítica.

Em certos casos a economia solidária na escola pode contribuir para desencadear um processo de transformação inimaginável, como aconteceu com a Corporação Cooperativa Mondragón<sup>10</sup>, descrita por Singer como maior o complexo cooperativo do mundo, localizado na Espanha. A empreitada começou com um grupo de jovens oriundos de uma escola técnica onde se lecionava um conteúdo pertinente ao que hoje se considera “economia solidária”, tendo como mentor o padre José Maria Arizmendiarreta, ou simplesmente, padre Arizmendi. A primeira aplicação prática do que os jovens aprenderam na escola foi a recuperação de uma empresa falida que se transformou na Cooperativa Ulgor, uma bem sucedida fábrica de fogões. O sucesso fez com que a Ulgor decidisse criar outras cooperativas autônomas para lhe fornecer insumos, e assim surgiram a Arrasate, Copreci e Ederlan.

Não tardou a surgir, por insistência do padre

---

<sup>10</sup> redebrasilatual.com.br 09/03/2017

Arizmendi, o banco cooperativo Caja Laboral Popular, prestando serviços financeiros e de assistência social-saúde, pensões e aposentadorias- aos cooperados. A Caja Laboral também atuou na criação de novas cooperativas com apoio financeiro e incubação. Na área da educação o grupo conta com a cooperativa Ikerlan, responsável pela pesquisa técnico-industrial, a Universidade Mondragón, com graduação em engenharias e humanidades e a Ideko, com foco em tecnologia de internet.

Todos os empreendimentos da Mondragón somam aproximadamente 53.000 postos de trabalho em cooperativas que, exceto a Ulgor, não surgiram a partir da quebra de empresas capitalistas, mas sim, a partir de um planejamento e estruturas próprias.

Em Québec, Canadá, o cooperativismo de crédito<sup>11</sup> supera os bancos privados em quantidade de agências. Na Itália, a região de Emilia-Romana<sup>12</sup> concentra o maior número de cooperativas de produção enquanto no perímetro da Grande Buenos Aires<sup>13</sup> os clubes de troca se destacam e, por fim, temos o Grameen Bank<sup>14</sup>, em Bangladesh, cuja proposta de cooperativismo de crédito contribuiu para erradicar a pobreza e garantiu a emancipação das mulheres. Trabalhadores, ao se tornarem, de forma coletiva, donos de seus

---

<sup>11</sup> Singer, 2002, p. 66.

<sup>12</sup> Id. p. 94.

<sup>13</sup> Id. p. 121.

<sup>14</sup> Id. p. 75.

empreendimentos, seja ele uma fábrica, um banco, um comércio ou cooperativa agrícola, superam a solução paliativa da reivindicação salarial, encarnando aquilo que Paulo Freire chama de ‘solução definitiva’: “Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que ‘este constitui uma parte da pessoa humana’ e que a ‘pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se’ é dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas. É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-a, humanizar os homens.”<sup>15</sup>

Diadema abriga a Uniforja que, se não é a maior empresa recuperada em termos de quantidade de associados, é a que responde pelo maior faturamento, chegando a atingir, no ápice da produção, 250 milhões de reais por ano. Porém, o aspecto mais importante em relação não só à Uniforja, mas a todas as empresas recuperadas, é o fato de terem superado a solução paliativa da reivindicação salarial. Não é mais preciso pedir aumento para o patrão, pois o patrão deixou de existir a partir do momento em que trabalhadores e trabalhadoras assumiram a empresa, elegeram sua diretoria e começaram a participar das decisões.

Toda crise econômica sempre atua como inimigo externo de qualquer empresa, e com as empresas recuperadas não poderia ser diferente. No entanto existe um inimigo interno que pode fazer com que

---

<sup>15</sup> Freire, 1975, p. 217.

uma empresa recuperada se descaracterize. É quando mantem parte do quadro de trabalhadores assalariados mesmo que já tenham cumprido o estágio probatório e estejam aptos a se tornarem sócios-cooperados.

## **Incubadora**

A escolha do nome “Incubadora” se deve à semelhança de finalidade entre o aparelho responsável por manter temperatura e ventilação adequadas e constantes até que o bebê esteja apto a viver com autonomia, e a entidade pública ou universitária responsável por auxiliar na criação e no desenvolvimento de empreendimentos econômicos populares, com intuito de gerar trabalho e renda, oferecendo orientações sobre legislação, contabilidade e tributação referentes ao cooperativismo e associativismo, estratégias de marketing, comunicação interna e externa, incentivo e apoio para aumento da escolaridade, até que o empreendimento tenha autonomia.

A primeira Incubadora criada no Brasil, em 1995, foi a ITCP, liga à UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro, ajudando a gerar trabalho e renda para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Contribuiu, por exemplo, na criação e desenvolvimento de projetos como a cooperativa “Delícias do Rio”, que produz doces, salgados e prepara bufês. Ainda na área de

alimentação criou a cooperativa “Praia Vermelha”, cujos sócios são também usuários dos serviços de saúde mental e produzem bombons, bolos e biscoitos. Criaram ainda a Cootrabom, no complexo da Maré, para atuar com reciclagem e educação ambiental assim como a Coomub, no município de Mesquita.

Em 1998 surgiu a ITCP-USP<sup>16</sup> tendo como primeiro coordenador o professor Paul Singer. Em 2007 o trabalho da Incubadora da USP foi um dos temas da reportagem “Economia Solidária” feita pela TV USP. No mesmo ano a reportagem foi premiada na categoria Vídeo Social: Resgate da Cidadania, do 15º Festival Gramado Cine Vídeo.

## **Ipeps - Diadema**

A Lei 301/2009 instituiu a Política de Economia Popular e Solidária em Diadema, que tem como princípios o bem estar e a justiça social, “o primado do trabalho com o controle do processo produtivo pelos trabalhadores”, valorização da autogestão e o desenvolvimento sustentável. E como objetivo, contribuir para erradicar a pobreza e a desigualdade social, realizando a inclusão social por meio do acesso do cidadão ao trabalho e renda, focando principalmente pessoas em situação de vulnerabilidade social que desejem organizar empreendimentos econômicos

---

<sup>16</sup> Site Wikipedia-ITCP USP

solidários ou ingressar nos empreendimentos já constituídos.

Alguns empreendimentos acompanhados pela Ipeps surgiram antes da Lei 301/2009, como a Cooperlimpa, cujo início das atividades data de 2007. Depois vieram Chico Mendes e Vila Popular. A Cooperfenix surgiu em 2016. A construção dos galpões onde as cooperativas desenvolvem suas atividades é fruto de parceria entre prefeitura e governo federal: a primeira, cedendo terreno e arcando com parte das despesas para erguer a obra e o segundo, destinando recursos para a obra e aquisição de equipamentos como esteira, empilhadeira, prensa e caminhões. A Incubadora, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social, cadastra os sócios-cooperados para o atendimento dos programas de transferência de renda e recebimento da cesta básica além das já citadas orientações em legislação, tributação e contabilidade em cooperativismo, visando promover a inclusão social.

A comida de rua é uma área onde a Ipeps tem forte atuação. Contribuiu para ampliar a quantidade de profissionais na Associação dos Tapioqueiros de Diadema, criou a Associação dos Vendedores de Milho e Derivados, atualmente com 60 associados, e também a Unichurras, cooperativa dos churrasqueiros de Diadema, com mais de 120 sócios. Todos começaram participando de assembleias quinzenais, que depois

passaram a ser mensais e agora acontecem a cada três meses. Uma Kombi com equipe da Incubadora percorre a cidade entregando os convites de carrinho em carrinho. “O perigo de degeneração da prática autogestionária vem, em grande parte, da insuficiente formação democrática dos sócios”<sup>17</sup>, por isso, visando garantir a formação democrática dos sócios dos empreendimentos que acompanha, a Incubadora opta pela estratégia do corpo presente. Seria cômodo aderir à lei do menor esforço, criando um grupo nas redes sociais para encaminhar os convites, mas o contato meramente digital nem sempre surte o resultado esperado.

Outra novidade para esses grupos foi a mudança de comportamento do poder público: da conhecida truculência, apreensão de carrinhos e mercadorias por um atendimento pautado pela parceria e orientação.

Okavango é outro projeto bem sucedido devido às orientações e apoio da Ipeps. Um trio de tapeceiros tinha como objetivo viver da venda de sofás reformados, mas não conseguiam o retorno financeiro desejado. Com apoio logístico, montaram uma linha de produção que incluiu mais seis sócios para a equipe. Começaram a produzir estofados cuja estrutura foi feita a partir do reaproveitamento da madeira de palete, reutilizando colchões usados e devidamente higienizados para o enchimento e aproveitando tiras

---

<sup>17</sup> Singer, 2002, p. 21.

de borracha de pneu nos assentos. A outra linha de produtos vem da restauração de sofás descartados pela população. Retiram forros, substituem a espuma estragada por um material em melhores condições. Devido à responsabilidade ambiental, reutilizando madeira de palete, reaproveitando colchões e restaurando sofás descartados pela população, o Projeto Okavango foi tema de reportagem do jornal SPTV, da Rede Globo; do jornal Repórter Eco, da TV Cultura; do programa TV Metodista, do Canal Futura e do caderno Empreendedor Social, da Folha de São Paulo.

O artigo 12 da Lei 301/2009 determina o estabelecimento de parceria entre a IPEPS com outras secretarias, como assistência social, meio ambiente, qualificação profissional, segurança alimentar e educação então, a partir de janeiro de 2013 Antônio Pires Soares, o Tônico, ex-metalúrgico, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e ex-presidente da Uniferco iniciou a parceria entre a Incubadora, da qual agora era o coordenador, com a EMEB Fabíola de Lima Goyano.

## **Ipeps – Diadema chega à escola**

O texto legal determinou a criação da Incubadora Pública de Empreendimentos Populares e Solidários-Ipeps, que inicialmente funcionou em uma sala no

antigo prédio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico. A partir de 2013, quando a escola Fabíola de Lima Goyano recebeu o projeto de economia solidária, ela passou a ser uma espécie de extensão da Incubadora. Lá, mais de 500 bolsistas da frente de trabalho receberam formação sobre o tema a partir da exibição de vídeos, palestras, atividade na horta e na sala da cooperativa Costura Bem. Foi lá também que 726 alunos aprenderam noções de empreendedorismo e economia solidária, conforme veremos mais adiante.

Em 2014 foi inaugurado o Centro Público de Economia Solidária, localizado numa casa histórica e ecológica que pertenceu ao primeiro prefeito da cidade e hoje pertence à prefeitura. As atividades que aconteciam no antigo escritório e na escola foram transferidas para a Casa, que passou a organizar assembleias com os empreendimentos, reuniões de equipe e parcerias.

### **“Prato firmeza”**

Num sábado, em visita ao Mercado Municipal, assisti uma cena deprimente: um tumulto envolvendo vendedores de rua e a polícia. Alguns corriam carregando lonas cheias de mercadoria enquanto vendedores de milho manobravam seus carrinhos em alta velocidade em meio ao trânsito caótico do centro, à procura de algum beco para se esconder. Do meu lado

passaram dois rapazes correndo, cada qual carregando uma caixa de papelão, entraram no estacionamento e os perdi de vista. De repente surgem dois policiais com cassetete em punho à procura dos rapazes, que a essa altura já deveriam ter se enfurnado em algum canto do Mercado Municipal.

Após a confusão me coloquei a pensar sobre a organização da comida de rua nas grandes cidades. Em São Paulo temos os food truck com cardápios desenvolvidos por cozinheiros e chefs treinados em cursos de gastronomia. Faz muito sucesso na Av. Paulista, no centro de São Paulo e em eventos culturais ou esportivos. Do outro lado está o empreendedor popular com seus carrinhos de milho, churrasco e tapioca, sem um aprendizado formal, mas com necessidade e vontade de trabalhar. Foi o caso dos tapioqueiros, que em 2007 receberam apoio da prefeitura para criar o Dia de Tapioca-Associação dos Tapioqueiros de Diadema. O grupo passou por formação em associativismo e boas práticas e recebeu licença para seus pontos de venda. Mensalmente pagam pelo uso do solo e realizam reuniões com periodicidade variada.

Até 2012 somente os tapioqueiros usufruíam da paz e da tranquilidade de poder trabalhar legalizado, enquanto outros setores ainda experimentavam o sabor amargo da truculência fiscal e policial. Porém, no ano seguinte dois grupos foram contemplados

com a isonomia: vendedores de churrasco e vendedores de milho. Por iniciativa da Incubadora, criaram a Associação dos Vendedores de Milho Verde e Derivados e a Unichurras- Associação dos Churrasqueiros de Diadema.

Os grupos passaram a receber orientações, primeiro, em espaços emprestados depois, no galpão da Casa da Economia Solidária, inaugurada em dezembro de 2014.

Em 2015 começaram a ser convidados para comercializar seus produtos em festas juninas das escolas públicas e alguns passaram a trabalhar nas festas de fim de ano de empresas, aniversários e eventos organizados pela prefeitura.

Na publicação “Prato Firmeza- Guia Gastronômico das Quebradas”<sup>18</sup>, um produto elaborado por alunos da escola de jornalismo ligados à agência de comunicação “É Nós Conteúdo”, o churrasquinho do seu Domingos, no Jardim Canhema, foi um dos 40 lugares escolhidos para representar a gastronomia da periferia, que alia qualidade com baixo custo. Seu Domingos é um dos sócios da Unichurras.

Temos aqui, portanto dois jeitos diferentes de tratar o mesmo assunto. Um, é reforçando o estereótipo dos vendedores de comida de rua como sendo caso de polícia e outro é aplicando políticas públicas de apoio

---

<sup>18</sup> Disponível em [enoisconteudo.com.br](http://enoisconteudo.com.br)

e orientação para o setor.

## **Uniferco**

Após a falência da metalúrgica Moferco, os operários ficaram sem emprego, salário e os direitos sobre a rescisão do contrato. Os ex-donos simplesmente sumiram e não se preocuparam em nenhum momento com a situação dos que dependiam da empresa para garantir o sustento de suas famílias. Com orientação das lideranças locais e o apoio jurídico do Sindicato dos Metalúrgicos, os operários decidiram ocupar a fábrica e, após concessão ao direito de arresto pela justiça, se empenharam em reerguer a metalúrgica.

Durante nove meses conseguiram gerar apenas os recursos suficientes para comprar comida e manter os insumos essenciais ao funcionamento da fábrica. No tempo ocioso chegaram a organizar campeonatos de dominó para afastar o tédio. Nesse período formalizaram a criação da cooperativa, batizada como Uniferco, e adotaram o sistema de autogestão. Elegeram a diretoria com presidente, vice, tesoureiro e um conselho fiscal. À frente do grupo ficou Antônio Pires Soares, o Tônico, ex. diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Realizaram assembleias onde decidiam estratégias para avançar no crescimento dos negócios.

O primeiro contrato, no valor de dez mil reais,

era irrisório para o orçamento de uma metalúrgica, porém, suficiente para iniciar um processo de crescimento cujo ápice foi o recebimento do prêmio Desempenho Empresarial 2007, entregue pela revista Livre Mercado.<sup>19</sup>

Chegaram a atingir a receita de um milhão de reais por mês com o qual pagavam as retiradas, cota parte e previdência. Esse valor também custeava despesas com água, luz, telefone, serviços de limpeza e matéria prima como alumínio e óleo, entre outras. Esclarecendo sobre a nomenclatura usada nesse parágrafo, é bom lembrar que os empreendimentos econômicos adotam outros termos. No lugar de emprego e salário usa-se trabalho e renda. Retirada é a quantia mensal recebida por cada sócio podendo variar, para mais ou para menos, conforme o rendimento do mês e a sobra é o excedente, que nas empresas capitalistas recebe o nome de lucro.

A contratação de vendedoras sem vínculo empregatício e com direito a comissão foi uma das estratégias que contribuiu para o aumento da receita, mas que também gerou polêmica nas assembleias porque o dinheiro recebido por elas muitas vezes superava os valores pagos para a própria diretoria. Tal fato mostra que a divisão justa nem sempre significa igual. E essa mesma prática acontecia em outros setores da metalúrgica: um ajudante não recebia igual

---

<sup>18</sup> Ver site do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 01/08/2007.

a um torneiro-mecânico e esse por sua vez tinha uma retirada inferior à de um engenheiro, porém, o senso de justiça estava presente nas diferenças entre os valores pagos a cada sócio cooperado, pois o estatuto previa o quanto deveria ser a distância entre cada um dos valores.

Na véspera de uma assembleia a direção prepara a documentação referente à movimentação financeira, pois tem o dever de apresentar planilhas, notas fiscais e demais documentos para esclarecer possíveis dúvidas dos cooperados.

Aquilo que no setor privado é chamado de segredo do negócio, ou seja, só os donos tem acesso às informações financeiras, numa cooperativa autogestionária funciona de outra maneira: se todos contribuíram para a construção da riqueza, todos tem o direito de conhecer os resultados e a movimentação das cifras, por isso, todos participam. As informações são tratadas de maneira clara e usando linguagem simples, diferente do que ocorreria caso contratassem certos tipos de “pensadores” para auxiliar no processo, pois “É muito natural para os intelectuais fazerem as coisas simples parecerem difíceis” já que “Essas são as formas pelas quais os intelectuais contemporâneos, inclusive aqueles na esquerda, criam grandes carreiras, conseguem poder, marginalizam pessoas, intimidam etc.”<sup>20</sup>

O apoio e a influência do sindicato foi importante

---

<sup>20</sup> Chomsky, 2004, p. 136

mesmo antes da falência, pois é na vivência da militância, associando-se numa entidade de classe responsável por organizar os trabalhadores, intermediando estes com a direção da empresa, realizando assembleias na porta das fábricas e proporcionando vivências democráticas como a escolha sobre a deflagração ou a interrupção de uma greve, que se aprende a administrar democraticamente qualquer empreendimento. Singer já disse que “Entre as empresas solidárias, a autogestão se pratica tanto mais autenticamente quanto mais sócios são militantes sindicais, políticos e religiosos”.<sup>21</sup>

## **Catadores de Recicláveis**

Em fevereiro de 2016 foi reaberto o posto de coleta do Taboão. Foi preciso retirar usuários de drogas e moradores de rua do local para viabilizar a entrada das catadoras. O trio fez uma retirada de 140 para cada uma, no primeiro mês. No mês seguinte, já com seis pessoas, cada participante recebeu 500 reais. Em dezembro atingiram o ápice: cada um dos 20 sócios retirou 1200 reais.

---

<sup>21</sup> Chomsky, 2004, p. 136

## Ourinhos

Matilde é catadora de recicláveis e atual presidente da Cooperativa de Catadores de Ourinhos, com 135 cooperados dos quais 93 são mulheres. Esse empreendimento recebe hoje 140 mil reais por mês da prefeitura para remunerar as catadoras, cumprindo a lei federal de 2010. Elas coletam quase a totalidade dos resíduos domésticos, do comércio e da indústria e a retirada mensal é de 1350 reais.

Aos desavisados isso poderia ser considerado um gasto extra para o município, porém, a inevitável redução na coleta de lixo a partir da separação de todos os recicláveis reduz também o custo com o serviço, fazendo com que o dinheiro economizado com a coleta geral e o descarte no aterro sanitário, seja usado para pagar o serviço prestado pela cooperativa.

Mas, e o dinheiro obtido com a venda dos materiais? Bem, esse recurso é usado para custear o abastecimento, manutenção, licenciamento e seguro dos veículos, manter em funcionamento um refeitório onde é servido café da manhã, almoço e lanche, feitos com ingredientes de qualidade, e para comprar e distribuir centenas de sacos de lixo de cor azul para a população separar os recicláveis. Investem ainda na estrutura local, construindo banheiros, reformando instalações e cuidando da limpeza.

Matilde é a terceira geração de uma família de catadores. Os pais e avós trabalharam no lixão, local onde ela se iniciou no ofício, pois foi a única maneira que encontraram para sobreviver. Hoje, felizmente, ela não sobrevive mais, ela vive, no sentido mais completo da palavra. Gosta de andar a cavalo e está feliz com o filho engajado nos estudos para passar no vestibular.

Além de presidenta da Recicla Ourinhos, Matilde atua como consultora, auxiliando cooperativas de cidades vizinhas a serem contratadas pela prefeitura e, diferente das consultorias que levam do nada ao lugar nenhum, os empreendimentos auxiliados pela catadora têm conseguindo importantes avanços.

## **Escola e democracia**

Escrever sobre economia solidária na escola é escrever sobre democracia na escola, localizando exemplos no tempo e no espaço, como na aldeia de Leiston em Suffolk, Inglaterra, onde fica a escola Summerhill, que desde 1921 aboliu o castigo físico e reúne os alunos em assembleias aos sábados para discutir e deliberar questões referentes à escola. O presidente da sessão anterior escolhe o da próxima. Participam também professores, direção e funcionários e o voto de uma criança de seis anos tem o mesmo peso do voto de uma professora com 50 anos.

Entre os temas estão a hora de dormir conforme a faixa etária, organização de festas e eventos, uso de espaços e até punição sobre atos de indisciplina. Sobre esse aspecto, Neill, o fundador da escola, afirmou: “Nossa democracia faz leis, e boas leis. Por exemplo, é proibido o banho de mar sem a supervisão de um salva-vidas. Esses salva-vidas são sempre membros do corpo docente. É proibido subir a telhados. A hora de recolher deve ser respeitada, quando não, há multas automáticas. Se deve haver ou não aulas nas quintas ou sextas-feiras que precedem a um feriado é coisa que se resolve pelo levantar de mão, numa Assembleia Geral da Escola.”<sup>22</sup>

Certa vez, ao julgar um garoto que havia usado a bicicleta de um colega sem autorização, a assembleia decidiu por fazer uma vaquinha e comprar uma bicicleta para o infrator. Não existe ódio em Summerhill. Alexander Neill, fundador desta escola que aboliu os castigos físicos, dizia que uma sociedade autoritária forma pessoas neuróticas, disso resultando duas guerras mundiais. Segundo Neill, o autoritarismo proveniente da família, igreja e escola da época foi responsável por criar pessoas odiosas. Por isso propôs como alternativa um sistema escolar democrático no qual todos inclusive e principalmente as crianças podiam expor seus pontos de vista e participar da criação de leis que regem seu funcionamento. Esta

---

<sup>22</sup> Neill, 1980, p. 42.

prática transformou Summerhill no exemplo mais conhecido e bem sucedido de escola democrática.

E como realizar assembleias com alunos do primeiro ao quinto ano se o próprio Neill afirma que crianças menores não têm interesse em governos, esquecem as leis que elas mesmas aprovaram e, embora sejam sociais no discurso não tem maturidade para administrar de forma correta a comunidade?

Nas vivências democráticas desenvolvidas pelo projeto de economia solidária junto às turmas da educação integral não há preocupação, no momento, das crianças criarem leis durante uma assembleia.

Procuramos discutir sobre a importância com o zelo pela horta, de não pisar e não jogar sujeira, não matar as minhocas porque elas ajudam o solo a ficar mais fértil, regar diariamente exceto em dias de chuva e orientar os colegas a fazerem o mesmo. Realizamos votações sobre quais hortaliças serão plantadas e, em caso de excedente os alunos podem levar as verduras para casa. Em alguns casos vota-se um nome para cada canteiro.

E aqui vai uma boa sugestão de textos para crianças, que tratam sobre democracia e temas correlatos. Após a morte do ditador Francisco Franco em 1975, a Espanha iniciou um período de transição para reconstruir suas instituições democráticas. Buscando contribuir com o processo, a editora La Gaya Ciência lançou a coleção “Livros para o Amanhã” com os

títulos “A democracia pode ser assim”, “A ditadura é assim”, “O que são classes sociais” e “As mulheres e os homens” voltados para crianças a partir de 8 anos de idade. Ao abordar temas como eleições, direito ao voto e a importância da participação política, entre outros, a coleção se configura como um material paradidático essencial quando se pensa em sair da inexperiência democrática rumo a uma sólida formação cidadã.

Em Diadema, a legislação<sup>23</sup> determina a “elegibilidade do diretor de escola pela comunidade escolar”. Enquanto em outras cidades da região metropolitana de São Paulo os dirigentes são escolhidos por concurso público ou indicação política, em Diadema eles são eleitos. Os interessados montam chapas com diretor e vice e escrevem um projeto o qual é avaliado pela Secretaria de Educação. Caso o projeto não seja aprovado, cabe recurso. Após aprovado, o projeto é apresentado aos funcionários da escola e à comunidade. Em seguida é aberto um período de campanha e, após as eleições, organiza-se um evento com todos os eleitos para dar-lhes posse. A direção, por ter sido eleita pela comunidade, está livre para dizer até onde a solução para os problemas da escola depende dela e até onde depende de outras instâncias e esferas do poder público.

Seja em Diadema ou no Mato Grosso, a direção eleita pode encontrar dificuldades para participar de

---

<sup>23</sup> Lei Orgânica do Município, Capítulo IV, Art. 236 inciso VII.

assuntos educacionais e por em prática seu projeto pedagógico por causa das demandas vindas de instâncias superiores que muitas vezes “bombardeiam a unidade escolar com um número enorme de leis, pareceres, resoluções, portarias, regulamentos etc.”<sup>24</sup> os quais, somados aos problemas de “precariedade do edifício e instalações escolares, falta de equipamento e material de consumo, carência de pessoal, falta de segurança na escola”<sup>25</sup>, ocupa boa parte do tempo que deveria ser usado para atingir os objetivos escolares. No entanto, quando a rede resolve enxugar a burocracia e investir na infraestrutura, libera os dirigentes para atuar em assuntos pedagógicos.

O direito de escolher a gestão escolar é uma conquista que teve início no processo de redemocratização do país, mas ainda há muito que avançar, porque “[...] a imensa massa dos próprios educadores da linha de frente do trabalho pedagógico (professores, diretores de escola, orientadores, supervisores educacionais) têm o poder do exercício da reprodução das ideias prontas sobre a educação e dos conteúdos impostos à educação. Mas não têm nem o direito nem o poder de participarem das decisões político-pedagógicas sobre a educação que praticam.”<sup>26</sup>

Uma administração escolar realmente democrática requer alterações de ordem estrutural e cultural que

---

<sup>24</sup> Paro, 1986, p. 132.

<sup>25</sup> Id.

<sup>26</sup> Brandão, 1980, p. 96

supere o “modelo de concentração de autoridade nas mãos de uma só pessoa”<sup>27</sup> e instaure, de maneira gradual, um formato no qual as decisões da escola conte com a participação de professores, funcionários, pais e alunos.

## **Economia solidária no Ensino Fundamental I**

A escola Fabíola de Lima Goyano fica na região do Inamar, zona sul de Diadema. Tem 760 alunos matriculados no ensino fundamental I, do primeiro ao quinto ano e, conforme relato de moradores antigos, sempre carregou a fama de ser uma escola problemática por conta de atos de vandalismo, baixo rendimento escolar e indisciplina. Por causa disso a escola foi escolhida para ser a primeira a receber o projeto de economia solidária<sup>28</sup>.

O espaço da escola deve ser agradável para os sentidos. Quando a gente se depara com um visual cheio de mato e um mau cheiro isso nos causa tristeza devido à sensação de abandono e descaso. Infelizmente algumas pessoas, vendo o aspecto degradado, ao invés de ajudar a melhorar, fazem o contrário: jogam lixo, entulho e até invadem a escola de noite para usar droga. Este era o cenário do quintal da escola Fabíola. Foi preciso mobilizar uma equipe para capinar, roçar e retirar seis caminhões de capim e lixo de todo tipo.

---

<sup>27</sup> Paro, 1986, p. 160.

<sup>28</sup> Ler em Diário do Grande ABC, 23/03/2013.

Foi a primeira etapa na mudança da paisagem. Assim como um cenógrafo transforma o espaço vazio do palco do teatro, a equipe da Incubadora alterou totalmente a imagem do quintal. Usando garrafas pet trazidas pelas crianças, começaram a construir diversos canteiros retangulares seguindo uma estética impecável. Em alguns eram usadas apenas garrafas verdes, em outros, somente as transparentes e todas tiveram seus rótulos retirados. Canteiros metade verde e metade transparente podiam ser localizados aqui e ali e a terra estava sempre na altura das garrafas.

O esterco vem de uma parceria com chácaras da zona rural da cidade. Ele é misturado com a terra e, com o uso do rastelo, são retirados os pedaços maiores e misturados com terra e palha em outro local ficando como estoque a ser usado posteriormente.

A horta-escolar é um material didático tridimensional, dotado de textura, odores e sabores onde é possível articular conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais de forma interdisciplinar para qualquer etapa da escolaridade. É um espaço vivo onde minhocas, joaninhas e borboletas se misturam com hortaliças e crianças. Os alunos regam e retiram ervas daninhas. Acompanham o processo de germinação e a cada semana percebem a transformação das folhas, que eram minúsculas, em enormes pés de alface ou de outra hortaliça qualquer, distribuídos de forma geométrica nos canteiros. A horta-escolar funciona

como uma sala de aula ao ar livre, onde o plantar, regar e colher se transforma num grande projeto em grupo cujo produto final é o consumo da hortaliça, e a parte mais importante não é a última, mas sim, todo o processo.

Na horta escolar as crianças não aprendem sobre economia solidária, elas vivem a economia solidária, pois a horta pode ser entendida também como empreendimento econômico de propriedade coletiva do qual todos os alunos são sócios, sendo responsáveis pela limpeza dos canteiros, a rega, a colheita e o destino das hortaliças, que tanto pode compor o cardápio da escola, quanto pode ser levada para casa, ou ambos, e “se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender” como bem observou Emília Ferreiro, vamos perceber que elas começam a aprender sobre o mundo do trabalho desde muito cedo, seja em brincadeiras onde se imaginam como profissional de diversas áreas, seja observando o ofício de seus pais ou dos pais de amigos e vizinhos, portanto, é absolutamente viável elas se imaginarem numa cooperativa de agricultores.

Sugestões de atividades a serem articuladas com as ações na horta:

- Elaboração de um calendário, em cartolina, sempre com letra bastão (maiúscula), com

anotação do dia que a turma irá regar e limpar a horta, contando quantas vezes por semana e quantas vezes por mês os procedimentos acontecem (anexo tempo de colheita de algumas hortaliças);

- Visita à feira do bairro ou sacolão, para conhecer os alimentos e seus preços;
- Construção coletiva de um minimercado ou sacolão na escola, com levantamento de preços, organização e exposição dos produtos e preços, simulação da venda de hortaliças e cálculo de valores.
- Análise, coleta, tabulação e organização de dados para construção de gráficos e tabelas (de dados do plantio e colheita das hortaliças), de maneira coletiva;

Devido à densidade demográfica muitas crianças em Diadema moram em casas sem um espaço onde se possa ter jardim ou horta. São moradias construídas de forma vertical podendo alcançar até quatro andares, sendo que o último, muitas vezes, é usado para secar roupa, para as crianças brincarem ou para família fazer festa. Nesse contexto a horta na escola contribui para suprir essa lacuna, oferecendo possibilidades de contato com a terra e a vegetação de forma sistemática e ao mesmo tempo lúdica.

Diariamente as crianças assistem enxurradas de propagandas que promovem o consumo de alimentos industrializados. São bolachas, bebidas

lácteas, empanados e refrigerantes com altas doses de açúcar, corante, conservantes e aromatizantes que, se consumidos em excesso, prejudicam a saúde.

A produção e consumo de alimentos agroecológicos no espaço escolar, feito pelas crianças, contribui para mudança de hábitos incentivando o consumo de alimentos naturais.

A horta escolar se insere no movimento de agricultura urbana, cujos benefícios são a ampliação de áreas verdes na cidade, garantindo ar puro e temperatura amena. Quando é praticada de maneira profissional acaba por tirar o agricultor do isolamento no campo, aproximando-o do consumidor final, que terá acesso a alimentos frescos, promove a geração de trabalho e renda e contribui para o desenvolvimento econômico local. Diminui a produção de lixo quando transforma o resíduo orgânico em compostagem, reduzindo os custos da prefeitura com coleta e destinação, ampliando a vida dos aterros sanitários.

Pessoas da comunidade, entre elas alguns idosos, ajudaram a construir alguns canteiros da horta nos quais cultivam uma variedade de alimentos. Essas práticas fortalecem sua identidade e promovem a socialização, além de abrir o espaço da escola para a comunidade e valorizar a região de origem dos moradores e de seus filhos.

## **Enxadas coloridas**

Na primeira experiência com a horta, as crianças da escola Perseu Abramo atuavam apenas como observadoras. Assim que a equipe da economia solidária, a pedido da direção, assumiu os canteiros, as crianças passaram a vivenciar as atividades.

No dia do plantio, alunos e alunas ficaram ao lado da horta assistindo o trabalho dos agricultores no revolver da terra, na mistura com o adubo e retirada de ervas daninhas. Após a diretora trazer pás, rastelos e enxadas de brinquedo em diversas cores, as crianças foram direcionadas para ocupar o entorno dos canteiros e em pouco tempo passaram de observadoras a protagonistas do processo, com dezenas de ferramentas coloridas manuseadas por pequenas mãos revirando a terra. Elas reproduziram exatamente as ações praticadas pelos agricultores.

Com o solo devidamente amaciado e perfurado, chegou à vez de semear. Enquanto um educador distribuía as sementes, cada professora ficava responsável por orientar suas crianças durante a semeadura. O encerramento se deu com as crianças se revezando para regar a horta. Se deixássemos, passariam o dia inteiro regando, tamanha foi a alegria delas ao brincar com água.

## “Queremos plantar!”

Os livros de Monteiro Lobato inovaram ao misturar realidade com fantasia superando, dessa forma, o aspecto moral e cívico de seus antecessores, dentre os quais está o poeta Olavo Bilac. A criança é considerada um ser poético devido à sua capacidade em fantasiar a realidade. Nas mãos de uma criança borrachas e apontadores se transformam em carrinhos e a caneta vira foguete, por isso, esse aspecto da infância deve ser levado em consideração durante atividades escolares. É o que fazemos na hora de semear, e não foi diferente com a escola Esquível:

- Quem aqui sabe o que é semear? Pergunto para a turma. Geralmente a resposta é não, principalmente porque “semear” é uma palavra nova para elas. Então explico:
- Semear é jogar a semente dentro de um buraco na terra e depois fechar. Mas depois que a gente fecha o buraco, a gente não pode achatar a terra senão a semente não consegue germinar, ou seja, ela não consegue crescer e sair do buraquinho.
- E o que acontece quando ela não consegue sair professor?
- Bom, ela fica muito triste e começa a chorar, porque ela quer ver a luz do dia, mas, como apertaram muito a terra, ela não consegue sair. Às

vezes dá para ouvi-la gritando “Socorro, alguém, por favor, pode afofar a terra que está em cima de mim? Eu estou presa aqui nesse buraco escuro e não consigo sair!”.

Uma plantação de alface ou rúcula precisa de duas a quatro horas de sol por dia, caso contrário, fica igual uma pessoa desnutrida: não se desenvolve. Por isso os canteiros da escola Esquível foram construídos numa rampa estreita: era o local onde mais incidiam raios de sol. Erguemos, inclusive, uma cerca lateral nas partes mais altas para garantir a segurança dos alunos.

No dia do plantio as crianças estavam ansiosas. Organizamos uma fila e enquanto uma professora distribuía as mudas outra controlava o fluxo de entrada e saída. Em cima, nossa equipe orientava o processo de plantação.

Após todas terem plantado decidimos que os outros dois canteiros ficariam a cargo de nossa equipe, devido à questão do espaço. Porém, as crianças não aceitaram a proposta e iniciaram o protesto: “Queremos plantar! Queremos plantar”. Diante de tamanha pressão, não houve alternativa a não ser deixá-las terminar o plantio, afinal, a horta é delas: se na poesia de Manuel de Barros um menino pode ganhar um rio, no poema da economia solidária as crianças podem ganhar uma horta.

## **Técnica do arranque**

Na escola Marieta, pequenos agricultores aparentando idade entre cinco e seis anos começaram a chegar, aos montes, na horta da escola. Era um dia de sol no inverno diademense. Os pés de alface crespa cobriam a área total de três canteiros enquanto seus vizinhos ostentavam imensas folhas de rúcula e almeirão. Observar aquela horta era como apreciar uma paisagem.

Após a chegada dos alunos, explicamos como se colhe verduras a partir da técnica do arranque. Organizamos a logística e continuamos o trabalho. As crianças maiores conseguiam retirar sem apresentar muita dificuldade. Já as crianças menores precisaram de apoio, principalmente para não caírem para trás, pois durante o processo parecia estarem envolvidas num cabo de guerra com o solo: na hora em que a terra soltava a raiz, uma professora já estava ao lado para segurar a criança. Isso me lembrou da história do grande rabanete, quando foi preciso o avô, a avó, neta, cachorro, gato e, por último, um ratinho, para arrancar o rabanete gigante.

Colher o almeirão foi mais tranquilo. Enquanto os alunos seguravam as folhas, cortávamos próximo à raiz com uma faca sem ponta. Essa técnica se deve ao fato de o almeirão ser uma verdura fênix: renasce das cinzas.

## Viveiros de mudas

No início do projeto comprávamos sementes e mudas com dinheiro da venda de ecobrindes. O aumento da quantidade de hortas tornou a aquisição de mudas onerosa e por esse motivo construímos um viveiro para o cultivo, usando madeira de palete, tábuas, pneus e telas de arame.

A primeira experiência foi bem sucedida, com quase todas as sementes germinando. Mas houve dificuldade para retirar sem quebrar a raiz, e isso aconteceu por uma razão simples: era preciso ter peneirado a terra antes de colocar na bandeja de isopor. O problema foi corrigido e conseguimos produzir mudas que são retiradas com o uso de uma faca sem ponta, e ainda com a porção piramidal de terra na base.

Construímos outro viveiro, na escola João Ramalho, e o deixamos sob a responsabilidade dos adolescentes. Eles regam diariamente e, no dia do plantio, eles mesmos retiram e distribuem as mudas para os colegas. Tornamos o projeto ainda mais autossustentável e ao invés de gastar 40 reais com uma bandeja de mudas, mais a despesa com gasolina, investimos 1,6 reais num pacote de semente e temos o mesmo resultado.

## **A importância do Sol**

Algumas unidades de ensino possuem espaços retangulares cujo perímetro é delimitado por uma cerca de alambrado e inclui um portão de acesso. É o caso das escolas José Martins e Letícia, em Diadema. Pela estrutura, é fácil concluir sua finalidade: é um local reservado para a construção de um jardim ou de uma horta. As duas escolas citadas estão no projeto de economia solidária e em ambas a horta foi construída no espaço descrito.

Após todo processo envolvendo a construção, feita pela equipe da Incubadora e a aquisição de insumos, realizado pelas escolas usando recursos federais provenientes do PDDE, seguimos a trajetória comum a todas as unidades: no dia agendado realizamos o plantio junto com as crianças. Os alunos ficaram dois meses regando e esperando o resultado, que não apareceu, por causa das árvores muito próximas ou mesmo dentro do local.

Assim como o fermento é importante para o crescimento do bolo, o sol é imprescindível para o crescimento das hortaliças, portanto, foi necessário solicitar a poda dos galhos. Feito isso, no período seguinte fizemos outro plantio e as crianças puderam cultivar suas hortaliças usando todos os ingredientes necessários: adubo, água e sol. Ao fim e ao cabo a colheita foi satisfatória.

## **Transplântio**

As sementes são jogadas num buraco chamado cova e, após o período de germinação as folhas ficam cada vez mais visíveis. Se deixarmos muitos pés juntos na mesma cova nenhum deles conseguirá crescer e o mesmo vale para a quantidade de mudas dentro de um canteiro. É igual quando temos uma sala de aula lotada: o excesso de alunos compromete o desenvolvimento de todos.

Sendo assim faz-se necessário realizar o transplântio, que nada mais é do que retirar, com a ajuda de uma pazinha, o conjunto de mudas, separar cada pezinho e plantá-los em locais diferentes.

## **Rabanetes e joaninhas**

A escola Sagrado Coração de Jesus usou o conto cumulativo “O grande rabanete”, de Tatiana Belinky para articular com atividades na horta. Primeiro, claro, as crianças semearam rabanetes. Durante o período de crescimento, algo em torno de um mês, elas estudaram o livro. Inclusive existem sites com atividades de português, matemática e ciências inspiradas na obra, que podem ser usadas pelas turmas na sala de informática. Paralelamente ao conteúdo didático, foram apresentados conceitos de alimentação saudável como os benefícios dos alimentos naturais. Após a

colheita as crianças levaram os rabanetes até a cozinha, onde as agentes prepararam uma deliciosa salada que foi servida na hora do almoço. Ao fim e ao cabo, o rabanete teve uma boa aceitação.

Outro episódio interessante na mesma escola foi a visita de joaninhas nas folhas de couve, um acontecimento que estava deixando as crianças intrigadas. Apesar de sua aparência agradável e, principalmente, ser uma personagem constante nas histórias infantis, na horta elas não eram bem-vindas. O fato motivou a educadora de meio ambiente a preparar um projeto específico para reverter o jogo em favor das joaninhas, e assim, alunos e alunas descobriram que a joaninha é o predador do pulgão, este sim, o vilão da história, responsável por roer a couve.

O caso serve também para mostrar como é possível combater pragas de forma natural, sem usar agrotóxicos. O veneno lançado na plantaçoão age somente no local, salvo quando a água da chuva carrega a substância para os rios, poluindo suas águas, matando os peixes e adoecendo banhistas. Agora, no caso do besourinho colorido, ao se alimentar do pulgão ele se multiplica com mais facilidade e se espalha para outras plantaçoões, protegendo as culturas sem agredir a natureza.

Após a pesquisa científica as crianças aprenderam a ver a joaninha como aliada nas suas plantaçoões e assim, o pequeno besouro conseguiu reverter o jogo a seu favor.

## Alimentação Saudável

Antes de cozinhar o feijão é preciso separar os grãos ou, como se diz na linguagem coloquial, é preciso “catar feijão”. Após tirar os grãos estragados, colocamos na panela os que estão em bom estado. O mesmo vale para alguns hábitos que atravessam o tempo causando estrago, e que após serem submetidos a uma análise científica, perdem sua validade. É o caso, por exemplo, da antiga ideia de que um bebê, para ser saudável, precisava estar rechonchudo.

Hoje o controle de peso e seus decorrentes benefícios para a saúde começam nas consultas pediátricas com orientações sobre quantidade e qualidade dos alimentos, prevenindo a obesidade infantil.

A escola vem contribuindo com essa mudança de paradigma a partir da oferta de cardápios equilibrados na refeição dos alunos, e em nosso projeto procuramos antes de realizar o plantio ou a colheita, fazer uma roda de conversa com as turmas para tratar sobre alimentação saudável. Na EMEB Zilda Gomes, por exemplo, o diálogo foi ilustrado por dois cartazes feito pelas crianças e inspirados no tema,.

Em algumas escolas, após a colheita, procuramos almoçar com os alunos para degustar as verduras cultivadas por eles. Durante a refeição realizamos uma conversa informal sobre a atividade. Um desses episódios aconteceu na escola José Martins, quando

perguntei para um dos alunos:

- Daniel, a alface está uma delícia, quem foi mesmo que cuidou dessa horta?

- Foi a gente professor.

- Que legal, e qual é a vantagem de comer um alimento natural?

- Não tem corante, nem conservante...

- Muito bem, Daniel...

- Ah, professor, mais uma coisa: e sem veneno!

O fato de uma criança possuir visão crítica sobre o uso de agrotóxicos na produção de alimentos se articula com outro aspecto do tema em pauta: a forma como a gente se alimenta é também um ato político. Agrotóxicos são usados em monoculturas voltadas para exportação e se configuram no item principal do agronegócio, um setor que abocanha 75% das verbas destinadas à agricultura, mas, em sua maioria, não produz alimentos. Enquanto isso a agricultura familiar, com apenas 25% das terras cultiváveis e 25% dos recursos financeiros produz 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros e geram 12 milhões de postos de trabalho.

Conforme citado anteriormente, nem todos os postos de trabalho do setor se enquadram no formato de economia solidária, porém, as cooperativas surgidas a partir das ocupações realizadas pelo MST-Movimento dos Trabalhadores sem Terra procuram manter suas atividades sem o uso de trabalho assalariado.

Ao contrário do que a grande imprensa apregoa, tentando criminalizar os movimentos sociais, os sem terra não invadem, eles ocupam propriedades improdutivas fazendo cumprir o que está previsto nos artigos 184 e 186 da Constituição Federal:

**Art. 184** - *Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.*

**Art. 186** - *A função social é cumprida quando a propriedade rural atende simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:*

**I** - *aproveitamento racional e adequado;*

**II** - *utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;*

**III** - *observância das disposições que regulam as relações de trabalho;*

**IV** - *exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores.*

“Multiplicam-se os grileiros, subornando juízes e recrutando as forças policiais das vilas para desalojar famílias caipiras, declaradas invasoras de terra em que

sempre viveram. Postas fora da lei e submetidas à perseguição policial, elas são, finalmente, escorraçadas das terras à medida que sua exploração comercial se torna viável”.<sup>29</sup>

O excerto acima demonstra como a maioria dos latifúndios chegou às mãos dos ruralistas: invadindo terras e expulsando seus verdadeiros donos, corrompendo juízes e policiais e falsificando documentos por meio da grilagem. Após o golpe de 64 os militares chegaram ao cúmulo do absurdo quando “ao invés de distribuir terras para os camponeses, dedicou-se a expulsá-los, para restituir aos latifundiários as extensões espontaneamente invadidas ou expropriadas por governos anteriores”<sup>30</sup>. E em pleno século XXI, os ruralistas continuam invadindo territórios indígenas e quilombolas, além de terras da União.

## **Polo Cultural**

A escola Francisco Daniel Trivinho participou ativamente de atividades culturais desenvolvidas pela Casa da Economia Solidária. Uma delas foi a construção de dois painéis tridimensionais reaproveitando papelão das caixas aonde vem ingredientes para alimentação escolar, caixinhas tetrapac de sucos e achocolatados

---

<sup>29</sup> Ribeiro, 2015, p. 284.

<sup>30</sup> Galeano, 1979, p. 141.

e sulfite. Usaram ainda cola artesanal de polvilho, vinagre e água. Divididos em grupos com quatro ou cinco crianças, recortaram e montaram as caixinhas até chegar ao formato da letra, que era depois montada e fixada com fita crepe sobre o painel para em seguida passar pelo processo de papelagem.

O painel “Sarau da Reciclagem” serviu de cenário para o evento literário cujo repertório contou com poemas como “O buraco do tatu”, de Sérgio Caparelli; “Greve no circo”, de Sidónio Muralha. De José Paulo Paes foram lidos “Paraíso” e “Passarinho fofoqueiro”. Teve ainda “A arquiteta”, de Roseane Murray e Cecília Meireles contribuiu com “Ou isso ou aquilo” e “A chácara do Chico Bolacha”.

Antes de comentar sobre o sarau propriamente dito é preciso frisar que as professoras do ensino fundamental do ciclo I (que vai do primeiro ao quinto ano) são as profissionais mais importantes quando o assunto é incentivo à leitura. Primeiro porque sem elas simplesmente não existiriam leitores. Com elas aprendemos que um texto se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo. Aprendemos a distinguir entre número, letra e desenho. Passamos a conhecer outros gêneros literários como fábulas, contos, notícias e biografias e aprendemos a interpretar a leitura. Tornamo-nos autores de textos e ampliamos a forma de nos comunicar com o mundo.

Quanto ao sarau, é preciso ficar atento com a personalidade de cada criança durante o ensaio. Algumas preferem ensaiar em duplas, trios ou quartetos enquanto as mais extrovertidas optam por uma apresentação solo. Não se deve obrigar a criança a decorar o poema para declamá-lo sem o apoio do texto em mãos, exceto quando a criança assim o desejar. Caso a apresentação seja para um público grande é importante usar microfone.

Um sarau organizado dentro da escola permite aos alunos envolvidos passar da condição de espectadores para a de protagonistas de um evento cultural, emprestando sua expressão vocal e corporal a textos consagrados. É como se cada poema ganhasse uma roupagem nova.

Após o evento literário as letras do painel foram reaproveitadas para criar outro, agora como o nome “Economia Solidária”, que ficou exposto na Loja da Economia Solidária, dentro do Shopping Praça da Moça durante o período em que o empreendimento ocupou uma sala no piso Paineiras. Esse período coincidiu com o ensaio e a apresentação de um grupo coral com alunos do Trivinho. O repertório incluiu “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga; “Lavar as Mãos”, de Arnaldo Antunes. Adoniram Barbosa representou o samba com “Trem das Onze” e Vinícius de Moraes contribuiu com “O Pato”. As apresentações eram encerradas com “Papai Noel do Sertão” de minha

autoria. A ideia surgiu durante a aula de história em um cursinho pré-vestibular. O professor explicou que Portugal era obrigado a comprar produtos dos ingleses, mesmo que estes produtos não tivessem serventia para os lusitanos como, por exemplo, os trenós. Devido ao Pacto Colonial só podíamos comprar coisas da metrópole e, se o trenó não tinha nenhuma utilidade em solo português, imagina nos trópicos. Por conta disso vinha o questionamento: aonde o brasileiro usaria um trenó? Essa questão suscitava outras polêmicas. Como o Papai Noel aguenta o calor dos trópicos? Por que ele presenteia algumas crianças, e outras não? A partir daí surgiu a ideia de criar um personagem adaptado ao clima brasileiro, porém, mais generoso, conforme descreve o cordel:

Papai Noel do Sertão  
No lugar das botas pretas  
Ele prefere sandália  
Trocou a touca vermelha  
Por um bom chapéu de palha  
Seu trenó é uma carroça  
Que vou igual avião  
Eta que cabra porreta  
Papai Noel do Sertão

Ele tem um irmão mais velho  
Que é norte-americano  
Que promete ajuda aos pobres

Mas só vive dando o cano  
Pra acabar com essa mutreta  
Só tem uma solução  
Vou chamar um cabra porreta  
Papai Noel do Sertão

Maria Linda do Agreste  
É a sua companheira  
Costura bichos de pano  
Faz brinquedos de madeira  
E a carroça voadora  
Ergue a poeira do chão  
Para entrega dos presentes  
Das crianças do Sertão

As primeiras performances foram dentro da escola com duas apresentações para as turmas da manhã e duas no período da tarde. Depois, o coral se apresentou oito vezes na Loja da Economia Solidária. As escolas próximas iam caminhando até o local para apreciar o grupo e ver de perto o Papai Noel do Sertão. Sim, pois o Luiz, um dos funcionários da Incubadora aceitou encarnar o personagem. Compramos roupas no brechó, confeccionamos um colete vermelho, providenciamos chapéu de palha e sandálias.

Durante as apresentações, após execução das quatro primeiras músicas, o público era estimulado a chamar o personagem, que descia pelas escadas do mezanino para conversar com as crianças. Ele contava

sobre seu lugar de origem, o sertão de Pernambuco e depois perguntávamos às crianças quem veio ou tinha parente que é da Bahia, Ceará, Sergipe e todos os estados nordestinos. Num grupo com 50 crianças geralmente, entre 40 a 45 delas diziam ter vindo de algum desses lugares ou ter parentes lá.

Um dos objetivos era justamente tratar a questão da identidade, pois mesmo aclimatadas a um local urbanizado, as crianças de origem nordestina ainda trazem um pouco do sotaque, dos hábitos alimentares e ouvem pais e avós comentarem sobre as vantagens e desvantagens da vida na roça.

O uso do espaço escolar para apresentações artísticas está em sintonia com movimentos culturais independentes organizados por coletivos de artistas. É o caso do Sarau da Cooperifa, que acontece semanalmente na periferia da zona sul paulistana, e de tantos outros saraus espalhados pela cidade. São locais para apresentação e apreciação da literatura periférica e de outras formas de arte independente. O grau de profissionalismo dos expoentes desse movimento chegou a tal ponto que hoje eles são contratados para apresentações em unidades do SESC ou SESI, são contemplados com editais como o PROAC, e ainda são contratados para ministrar palestras em feiras literárias. No que se refere à democratização da cultura “Entendemos que a economia solidária inaugura um novo contexto para a cultura e a cidadania. Refletir

sobre a economia solidária da cultura é lançar luzes sobre a cidadania cultural, entendida como um conjunto de direitos e valores que sedimenta modos de vida e processos participativos sobre o fazer cultural.”<sup>31</sup>

Mostra Cultural, Festa Junina ou Festa do Folclore são eventos culturais que mobilizam toda a escola, colocando professoras e professores para enfeitar paredes e corredores, ensaiar danças com as crianças, angariar brindes, preparar alimentos e elaborar convites. No dia da festa é comum ver professoras operando o caixa, montando e cuidando das barracas de comida, bebida e jogos. Os pais geralmente chegam um pouco antes e saem um pouco depois da apresentação dos filhos, garantindo sucesso de público no evento, e é nesse momento que as crianças passam a ser a atração artística.

Exercer a cidadania cultural é ir além da condição de expectador e participar do processo do fazer artístico, como fizeram os alunos e alunas da escola Trivinho: construíram cenários, se dedicaram aos ensaios de poemas e canções e realizaram uma temporada que começou dentro da escola, passou pela Casa da Economia Solidária, presenteou o público da Loja da Economia Solidária com sete apresentações de MPB no formato vozes e violão, com direito a intervenção teatral do Papai Noel do Sertão e encerraram a turnê no palco do Teatro Clara Nunes onde, no início da

---

<sup>31</sup> Serra e Faria, 2016, p. 2.

música, o público, de maneira espontânea, começou a acompanhar a canção batendo palmas, coroando e consagrando um processo artístico coletivo.

## **Evento literário**

A escola Sagrado Coração de Jesus, no Jardim Gazuza contou com apoio da Incubadora para realizar um sarau que transbordou criatividade. A ideia original consistia em escolher apenas uma das turmas, usando como critério a fluência em leitura, para ensaiarem o repertório e apresentar às demais salas. Porém, o grupo surpreendeu: além de envolver as quatro turmas da educação integral, a equipe preparou um evento contemporâneo no qual a linguagem literária se misturou com artes visuais e teatro.

Desprovidos de um roteiro, seguiram um itinerário no qual o caminho entre a estaca zero e o ponto de chegada foi construído coletivamente. Improvisaram um ateliê na sala de leitura, confeccionaram cenários e figurinos usando tecidos TNT, reaproveitamento de papelão, papel sulfite e papel colorido e muita cola de polvilho. Tão importante quanto a apresentação foi a vivência do processo, a distribuição de tarefas e os ensaios, transformando as quatro turmas num produtivo coletivo cultural.

E finalmente chegou o momento da apoteose. Na entrada do prédio um imenso painel com versos de

“As borboletas”, de Vinícius de Moraes, dava as boas-vindas aos convidados enquanto o pátio, decorado com tecidos TNT destacava uma árvore cenográfica no centro de um jardim. No entorno do local de apresentação, bancos enfileirados acomodavam um público formado por familiares, alunos e educadores, unidos para apreciar uma experiência estética inédita para a maioria. Próximos ao palco estavam crianças com figurinos de passarinho, ostra, cobra, arara, leão-marinho e foca para interpretar o poema “Passarinho Fofoqueiro”, de José Paulo Paes. Um grupo de meninos encenou o poema “Paraíso”, do mesmo autor. Usaram figurinos e mostraram muita precisão durante a declamação cuja primeira estrofe tem muito a ver com a realidade daquelas crianças: “Se essa rua fosse minha/Eu mandava ladrilhar/Não para automóvel matar gente/Mas para criança brincar”. No bairro onde moram algumas calçadas chegam a ter apenas dois palmos de largura, ou seja, em alguns lugares, além de não ter rua para brincar, não tem sequer calçada.

O poema “Colar de Carolina”, de Cecília Meireles inspirou um painel com uma Carolina de pele negra e cabelos crespos feitos com papel machê.

## **Pintura mural**

Para completar o efeito positivo que a mudança na paisagem proporcionou no quintal da escola Fabíola,

teve início um longo e eficiente processo de pintura mural, técnica executada diretamente na superfície de uma parede. O primeiro desafio foi adquirir quantidade suficiente de tinta para colorir a maior extensão possível do muro. Imbuídas de um espírito coletivo calcado na prática do reaproveitamento, a equipe realizou duas campanhas. A primeira, interna, para arrecadar sobras de tinta, rolos e pincéis e outra, externa, pedindo doação para depósitos de construção e lojas especializadas que sempre dispões de algum galão cuja data de validade está próxima do vencimento.

A ideia era tornar, novamente, alunas e alunos protagonistas na transformação do ambiente de ensino e ultrapassar as paredes da sala de aula enquanto espaço de aprendizagem. Para isso o muro foi dividido em pedaços iguais para que cada sala pintasse uma parte, garantindo a participação de todas as crianças num amplo trabalho coletivo.

Então, para cada turma foram apresentadas três pinturas de autoria do Ivan Cruz ou Romero Brito, e as escolhas foram feitas por meio do voto. No dia da pintura as crianças traziam camisetas velhas e, com o contorno da obra riscado com antecedência pelos professores, elas se revezavam colorindo cada parte até finalizar o processo.

Corredores e uma parede do pátio também se transformaram em superfície para a atividade artística trazendo um novo contorno, textura e tonalidades para o espaço externo e o interior da escola.

Durante esse período a calçada da escola funcionou como um ateliê a céu aberto. Algumas mães chegaram a levar água, café, chá e suco para as crianças e professores e se tornaram espectadoras orgulhosas da ação promovida pelas crianças do bairro nos muros da escola.

## **Costura**

Três senhoras da frente de trabalho, alunas de uma oficina de corte e costura, foram convidadas para participar de um projeto de costura pensado para funcionar em uma das salas da escola, produzindo utensílios a partir do reaproveitamento de retalhos doados por fábricas de confecções. Durante algum tempo quebraram muitas agulhas e travaram as máquinas, porém, com o incentivo da equipe elas ganharam confiança e paciência, pois o aperfeiçoamento só vem com a prática.

As bolsas artesanais, feitas com retalhos de tecido, começaram a sair com uma costura mais reta e um melhor acabamento. Cada bolsa era uma peça única, variando conforme a cor e o formato do retalho: a técnica é conhecida como patchwork. O avanço permitiu que as bolsas fossem vendidas em eventos dentro e fora da escola. Com o dinheiro arrecadado foi possível comprar linha, agulha, zíper, botões e outros itens. O aperfeiçoamento técnico caminhava junto com o saber administrativo.

A próxima etapa foi confeccionar sacolas usando como material caixas de leite trazidas pelos alunos, permitindo abrir os olhos das crianças e de seus pais para a infinidade de matéria-prima espalhada por ai, de graça, mas que até então estava invisível. As turmas traziam caixas de leite e um tempo depois levavam de volta sacolas ecológicas. Algumas crianças traziam as sacolas para guardar a colheita do dia: alface, rúcula e rabanete. A partir daí foi possível perceber que a matéria-prima nem sempre está na prateleira das lojas. Muitas vezes ela está ali, diante de nós, só falta a gente ver.

A última compra de uniformes escolares realizada pela prefeitura foi a um custo de 4 milhões de reais. A empresa vencedora da licitação é de outro estado. Qual é o impacto disso na economia local? O dinheiro, ao invés de ir para o bolso das costureiras da cidade e aquecer a economia diademense, irá para outra cidade.

Existe a intenção de transformar a cooperativa Costura Bem num empreendimento capaz de assumir essa demanda, com mães e avós costurando os uniformes de seus filhos e netos, num processo de empoderamento e emancipação por meio da geração de trabalho e renda, melhorando o poder aquisitivo.

## **Reciclagem na escola**

Das 21 escolas onde acontece o projeto, em pelo menos sete existe coleta feita por catadores autônomos, ou seja, catadores que não estão vinculados a uma cooperativa. O fato de a escola separar o material e conseguir alguém para retirá-lo resolve parte do problema, pois às vezes a pessoa desiste de retirar, sem prévio aviso, e o material acaba acumulando. Foi o que ocorreu na EMEB Anita Catarina Malfatti. O bag estava lotado de caixas assim como o seu entorno.

Primeiro foi preciso resolver o problema do material acumulado. Junto com a professora articuladora e as estagiárias, montamos uma estratégia na qual envolveríamos as crianças numa atividade conceitual e prática de reciclagem. Conceitual porque explicaríamos que o conteúdo do bag não é lixo, e prática, pois a partir desta informação as crianças nos ajudariam a desmontar e empilhar as caixas.

Fizemos uma roda de conversa, explicamos o problema e, para ilustrar, usei uma das estrofes do poema Paraíso, de José Paulo Paes: “Se essa mata fosse minha/Eu não deixava derrubar/Se cortarem todas as árvores/Onde é que os pássaros vão morar?”. A partir da leitura conversamos com as crianças sobre qual é a matéria-prima do papel, de onde ele é retirado e sobre a tristeza de uma família de passarinhos que sai para passear e quando volta já não encontra mais a

sua casa. Os alunos compartilharam suas impressões e sentimentos sobre o tema e depois ficaram a par da estratégia para desmontarmos a pilha de papelão: os adultos entregariam caixas montadas, enquanto elas desmontariam e trariam de volta para colocarmos no bag.

Ao fim a montanha desapareceu e em seu lugar ficou um bag robusto, pronto para ser recolhido e substituído por um vazio. No diálogo final com as crianças, tratamos sobre algumas questões referentes ao empreendedorismo. Antes da atividade prática elas aprenderam sobre a origem do papel, e depois foi o momento de saber para onde vai o material, quem é o responsável pela destinação e como isso acontece.

É nesse momento que elas descobrem que as cooperativas de catadoras e catadores passam com o caminhão ou carrinho elétrico para recolher o material, levam até o galpão aonde fazem a triagem, ou seja, separam papel, plástico, vidro e metal, prensam e vendem para uma empresa que vai usar aquilo como matéria-prima para novos produtos.

Os alunos entram em contato com o funcionamento colaborativo de uma cooperativa, ou seja, todos ajudam a administrar e todos recebem uma renda justa. Por fim, realizamos uma reunião com as agentes de cozinha e de limpeza onde se esclareceu sobre a importância de desmontar as caixas na hora do descarte, e em seguida uma cooperativa foi contatada para retirar o bag.

Chico Mendes foi um seringueiro, sindicalista, ambientalista e ativista político brasileiro. Lutou contra o desmatamento da floresta amazônica e defendeu a posse da terra pelos nativos da região, também conhecidos como posseiros. No dia do seu nascimento, 15 de dezembro, se comemora o Dia Nacional da Economia Solidária.

Chico Mendes também é o nome da cooperativa de catadores localizada ao lado da escola Fabíola, são eles que, munidos de um carrinho elétrico, passam para recolher semanalmente o material reciclável gerado dentro da escola. São caixas de papelão aonde vêm armazenados os ingredientes da alimentação escolar. Caixas aonde vêm guardados os uniformes ou material de escritório. Frascos de produtos alimentícios ou de limpeza também são descartados no porta bag, uma estrutura metálica com dois enormes sacos brancos instalado no interior da escola para descarte desse tipo de material.

É uma forma de complementar o conteúdo estudado em sala de aula, geralmente voltado para a preservação dos recursos naturais, o que não deixa de ser importante, mas geralmente omitindo a questão dos catadores, a importância que os materiais recicláveis têm para geração de trabalho e renda, a consideração dos profissionais do setor enquanto agentes ambientais e a divulgação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, marco legal que coloca catadoras

e catadores no centro do debate sobre coleta seletiva, propõe o fim dos lixões, local onde famílias em situação de extrema pobreza buscam sobreviver retirando materiais recicláveis para comercializar. A lei determina a organização e estruturação de cooperativas de reciclagem a serem contratadas para assumir a coleta seletiva do município.

A aproximação da cooperativa com a escola é também o encontro de dois mundos que precisam se conhecer melhor. O posto Chico Mendes, como é chamado, passa por um processo de reestruturação, e caso não haja nenhum revés, um convênio envolvendo recursos federais possibilitará a construção de um novo espaço assim como aquisição dos equipamentos necessários, mas mesmo em condição precária (não possui esteira ou empilhadeira e a quantidade de material é insuficiente para gerar uma renda que atenda suas necessidades mínimas), ele representa uma prática diferente de organização produtiva que em algumas cidades está mais avançada.

Na escola Henrique de Souza Filho, o Henfil, após reunião com os pais, as crianças passaram a trazer material reciclável de casa e jogar no bag instalado dentro da unidade de ensino, onde a Cooperfenix se encarrega de retirar usando carrinhos elétricos. A parceria já tem mais de um ano e tanto a escola quanto a cooperativa cumprem aquilo que lhes cabe de forma satisfatória. Por enquanto é o único caso envolvendo material produzido pelas famílias.

## Experiências com Educação de Jovens e Adultos

As reformas de base propostas pelo governo Jango incluíam programar reforma agrária em terras próximas a linhas férreas e rodovias, taxar remessa de lucro das multinacionais, implantar reforma urbana e erradicar o analfabetismo, que em 1960 era de 39% da população. Na época os analfabetos não podiam votar e o Congresso demonstrava má vontade para encaminhar projetos que alterassem a lei.

O método Paulo Freire, crítico da chamada educação bancária, na qual o professor deposita o conteúdo na mente dos alunos, propõe uma educação calcada no diálogo entre educador e educando, na busca conjunta de temas geradores, os quais surgem a partir da observação crítica e respectivo registro em fotos ou desenhos do entorno dos seus bairros. Em seguida os referidos temas são debatidos nos círculos de cultura para depois servirem como tema das atividades, aliando alfabetização com conscientização política, na qual o educando reflete sobre sua situação de oprimido vivendo numa situação-limite devido aos privilégios mantidos pelo opressor.

Com o golpe de 64 o projeto de Paulo Freire foi descartado e em seu lugar surgiu o Mobral-Movimento Brasileiro de Alfabetização, cuja proposta excluía a politização dos alunos.

O Brasil ainda possui 12,7 milhões de analfabetos

ou, 8% da população acima de quinze anos, índice elevado para uma das maiores economias do mundo. Parte desse contingente é atendido na modalidade de EJA, oferecida pela rede pública de ensino. Na escola Cora Coralina, região central de Diadema, voltada exclusivamente para jovens e adultos, realizamos atividades de economia solidária, a pedido da direção, como parte de um projeto cultural interno. Ministrei duas palestras, uma para alunos do horário vespertino e outra para as turmas do noturno. O conteúdo foi uma abordagem inicial sobre a história, princípios e benefícios da economia solidária, ilustrados com exemplos da própria cidade, do Brasil e do mundo. Quem já foi operário fica impressionado com histórias de empresas recuperadas enquanto pessoas que viveram parte da vida no campo abrem o sorriso com os avanços da agricultura familiar.

A segunda etapa incluiu uma visita da escola na Casa da Economia Solidária, onde as turmas assistiram palestras e participaram de oficinas de papelagem, confeccionando porta-livros a partir do reaproveitamento de materiais. Por fim, fizemos um piquenique no espaço da churrasqueira.

Encerrando a parceria curta, porém, produtiva, a escola ganhou uma horta suspensa na qual as salas se revezam para cultivar alface e outras hortaliças.

Na escola Átila Ferreira Vaz, além das professoras do ensino fundamental, professores da EJA-Educação

de Jovens e Adultos, também participaram da formação, o mesmo acontecendo com todas as turmas da EJA que, além da palestra, puderam assistir ao vídeo “Economia Solidária”, da TV USP e, em encontros posteriores, participaram de oficinas sobre produção de utensílios artesanais.

## **Economia Solidária no Ensino Fundamental II e Ensino Médio**

O ponto de partida rumo à aplicação do projeto de economia solidária na escola estadual João Ramalho foi um conjunto de reuniões envolvendo a direção e a coordenação pedagógica para apresentar nosso portfólio: implantação e manutenção de um projeto em 16 escolas municipais articulando a filosofia da economia solidária com atividades de horta, reciclagem e ação cultural com custo zero para as unidades de ensino.

Tão importante quanto apresentar o projeto foi conhecer a realidade da escola, que nunca é uma, mas várias, desveladas gradativamente em cada visita e em cada reunião. No aspecto quantitativo tomamos ciência da soma de alunos distribuídos em três períodos: 1850, dentre os quais aproximadamente 30 são provenientes de abrigos. Supondo haver um terço em cada turno, distribuídos em 18 salas de aula, teremos algo em torno de 34 adolescentes em cada turma, atendidos

diariamente por cerca de 80 professores, uma diretora, três coordenadoras pedagógicas e duas vice-diretoras, além da equipe de apoio a qual inclui secretárias, inspetoras, agentes de cozinha e de limpeza.

As coordenadoras pedagógicas agendaram um horário em todos os HTPCS e durante o tempo que nos foi reservado apresentamos o vídeo da TV USP, seguido por uma conversa entre a equipe da Incubadora e os docentes. Em todos os encontros para formação de professores, seja na rede municipal ou no João Ramalho o retorno foi sempre eclético. Alguns se mostraram muito empolgados e chegaram a sugerir algumas ações como, por exemplo, a construção de cisternas. Porém, após a sugestão procuramos frisar que apesar do projeto parecer simples, não significa que seja fácil, e há todo um esforço técnico, intelectual e político nos bastidores.

Quando chegou a vez dos alunos, ao invés de aplicar o formato usado nas escolas municipais, onde as ações foram mais práticas, com a escola João Ramalho, devido a sua proximidade, optamos por realizar a primeira formação dentro da Casa da Economia Solidária. Nesse caso a escola precisa comunicar professoras e professores e, como envolve atividade externa, é preciso encaminhar bilhetes pedindo autorização para os pais.

Durante uma semana recebemos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do

ensino médio. Foi incrível ver dezenas de adolescentes descendo a ladeira de entrada para se dirigir até o auditório.

Projetamos outro vídeo sobre economia solidária e conversamos com os jovens. Finalizamos todos os encontros com uma votação para a escolha do nome da cooperativa sempre explicando que, apesar de não ser uma obrigatoriedade, os empreendimentos econômicos solidários costumam usar os prefixos “une” ou “Cooper”, como é o caso da Uniforja, metalúrgica diademense que atendia anteriormente pelo nome de Conforja e, após a falência, foi ocupada pelos trabalhadores, os quais estavam já há algum tempo sem receber salários. Ganharam na justiça o direito de assumir a empresa em forma de cooperativa e o exitoso processo transformou a Uniforja num símbolo de empresa recuperada, principalmente após aquisição e quitação de um empréstimo junto ao BNDES com o qual se tornaram donos dos meios de produção por completo. Este e outros exemplos como a Cooperlimpa e Unichurras ilustraram o diálogo com todas as turmas. O jeito de conversar com o grupo, os exemplos usados e a articulação dos modelos com o projeto desperta nos jovens e adolescentes um dos ingredientes principais para o bom aproveitamento da atividade, o entusiasmo. Sem o mínimo de entusiasmo não há participação, ninguém se candidata, ninguém debate e ninguém vota.

A operacionalização das atividades não seguiu um roteiro pré-determinado. Da mesma forma que não existe receita para se recuperar uma empresa falida, não existe fórmula para aplicar um projeto desse porte na escola, até porque trata-se de uma iniciativa inédita. A Casa da Economia Solidária foi orientadora, mas todo processo foi construído junto com a escola, começando pela visita em cada uma das salas para retomar os pontos principais do projeto, onde fomos sempre bem recebidos pelas professoras e professores, e realizar duas eleições: a primeira para escolher a diretoria da cooperativa e a segunda para a escolha dos candidatos a prefeito e vereador, referente à criação da Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária.

O primeiro cargo a ser votado é sempre o de presidente e a votação é por levantamento de mão. Após o resultado o aluno ou aluna eleito é convidado a vir até a frente da sala para nos auxiliar na eleição do vice. Após eleito, o vice passa a ajudar o presidente na escolha do secretário que, depois de eleito, passa a compor o grupo, e o trio se organiza para coordenar a escolha dos candidatos a prefeito e vereador. Antes de entrar em detalhes sobre a Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária, veremos uma tabela com o nome das cooperativas:

<b>Nº</b>	<b>Ano</b>	<b>Cooperativa</b>
1	6º A	Unipreto
2	6º B	Uni Beija-Flor
3	6º C	Universo
4	6º D	Flecha Dourada
5	6º E	Unifalcão
6	7º A	Unibem-te- vi
7	7º B	Uniouro
8	7º C	Uniblue
9	7º D	Uniazul
10	7º E	Unifenix
11	7º F	Uniamarelo
12	7º G	Univerde
13	8º A	Univermelho
14	8º B	Águia Dourada
15	8º C	Unialfa
16	8º D	Unicinza
17	8º E	Cooperfalcão
18	8º F	Univioleta
19	8º G	Unipegasus
20	8º H	Unimel
21	9º A	Uniesperança
22	9º B	Unidourado
23	9º C	Uniraimom
24	9º D	Unifuxia
25	1º A	Unibranco
26	1º B	CooperJR
27	1º C	Uniccoper
28	2º A	Uníomega
29	2º B	Unimitose
30	3º A	Unideltarsi
31	3º B	Unifé

Com a escolha dos candidatos a prefeito e vereador, as turmas organizaram chapas com o nome de três vereadores mais o prefeito e o vice. Formada por alunos do 6º ano a Chapa Voz Ativa organizou sua proposta de governo incluindo a ampliação da horta, campanha para arrecadar sementes e o fortalecimento da reciclagem, criando um prêmio para a sala que trouxer mais material.

Ensaïaram o texto de apresentação com cada aluno discorrendo sobre uma das propostas e um para apresentar o nome da chapa e o slogan “Voz Ativa, Chapa 3, junto com vocês!”. As performances, iniciadas de forma tímida, com voz baixa, receio de encarar o público e uma insegurança na defesa das propostas, terminou com a aluna Diana, candidata a prefeita, se apresentando assim “Boa tarde meu nome é Diana, sou candidata a prefeita e seu eu ganhar a eleição vou cobrar da direção das cooperativas um maior empenho na campanha para arrecadação de materiais recicláveis”. Ela incorporou a candidatura e perdeu o receio em se afirmar “candidata a prefeita”, enquanto os alunos encarnaram o espírito de eleitores e fizeram questionamentos sobre as propostas.

No dia seguinte encontramos quatro adolescentes do ensino fundamental reunidos na sala da coordenação pedagógica, junto com uma representante do grêmio. Eram da Chapa 1. Estavam preparando cartazes com propostas. Conversamos a respeito de alguns itens.

Sobre a reciclagem, estavam propondo para a sala que trouxesse mais material, uma sessão de cinema fora da escola. Quanto a melhorias, a ideia era deixar uma caixa no pátio para os alunos e alunas depositarem sugestões.

A Chapa 5 escolheu como nome “Pá Pum Pirulito e Pão Doce”. As duas alunas responsáveis pela campanha defenderam também uma premiação para reciclagem e outra para organização escolar. Percorreram as salas demonstrando desenvoltura e segurança na defesa das propostas e, ao serem questionadas, souberam diferenciar as atribuições da economia solidária com as de responsabilidade do grêmio.

Na Chapa 2, do ensino médio, tivemos a desistência do candidato à vice e de dois candidatos a vereador. Porém, o jovem Henrique, aluno do terceiro ano e candidato a prefeito, não se intimidou e foi sozinho de sala em sala defender suas propostas.

O processo foi enriquecedor tanto para candidatos e candidatas quanto para o público, que em sua maioria se portou de maneira atenta e respeitosa e soube expor suas dúvidas. Algumas salas chegaram a aplaudir as chapas no final.

Em assembleia com presidentes e presidentas das cooperativas, além dos candidatos a prefeito e vereador, foi realizado sorteio para definir as atribuições de cada cooperativa. Entre as atividades estavam cuidar

dos canteiros da horta escolar, do viveiro de mudas, reciclagem, limpeza e comunicação, esta última envolvendo a preparação da segunda edição do Jornal JR (a primeira foi publicada em agosto de 2016) e a criação de uma estação de rádio na escola.

## **Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária**

A Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária é uma urbe fictícia que fica dentro da escola. Com uma população em torno de 1850 pessoas entre alunos do 6º ano do ensino fundamental até jovens do 3º ano do ensino médio, a cidade desenvolve atividades na horta escolar, na qual os alunos plantam, regam, colhem e depois levam para as agentes de cozinha preparar e servir na alimentação escolar. Cada cooperativa tem uma tarefa, algumas cuidam da horta e do viveiro de mudas, tem cooperativas voltadas para a organização interna e outras cuidando da reciclagem, e está em andamento a criação de uma rádio cuja programação ficará a cargo de duas cooperativas, com supervisão da coordenação pedagógica e a equipe da Casa da Economia Solidária, como acontece com o Jornal JR, em fase de preparação da segunda edição impressa, mas atuando paralelamente em uma versão online nas redes sociais. É uma forma de aproximar os jovens do fenômeno recente da massa de mídia,

definição usada por Ignacio Ramonet, editor do jornal francês *Le monde*, para quem “Na nova sociedade de redes, cada cidadão torna-se um ‘jornalista’ em potencial. Na frente da sua tela (de computador, de telefone ou palmtop), o internauta que domina os recursos da Web 2.0 não se julga inferior ao jornalista profissional. Ele disputa com ele seu status privilegiado.”<sup>32</sup>

A cidade tem uma prefeitura e uma câmara de vereadores com membros eleitos pelos alunos num processo que incluiu formação de chapas, campanhas, eleições e posse. Em reuniões com cada uma das chapas foram definidos quais temas iriam compor o programa de governo, e os tópicos foram escritos em cartolinas para que o público pudesse visualizar durante a visita realizada em cada uma das salas de aula.

A eleição contou com o apoio do grêmio estudantil, que ficou responsável por trazer as turmas, uma de cada vez, até a sessão de voto aonde mesários devidamente identificados com crachás cuidavam da lista assinada pelo eleitorado. Um aplicativo possibilitou maior realismo ao processo simulando urna eletrônica, inclusive com o mesmo som quando se aperta a tecla verde para confirmar o voto.

Ao final, o resultado foi impresso e divulgado para a escola. Na sala da sessão eleitoral uma aluna do grêmio registrou um depoimento:

---

<sup>32</sup> Ramonet, 2012, p.22.

*O que você está achando de participar do processo da eleição do projeto da economia solidária?*

*É uma coisa diferente, é um projeto bem organizado e que sai da rotina. Então muda bastante, os alunos acham bem interessante estarem votando e participando.*

Enquanto que nas eleições municipais de Diadema, num universo de 21 vagas para o legislativo nenhuma mulher foi eleita, a Cidade Escola João Ramalho elegeu oito vereadoras e, numa reunião posterior, junto aos sete vereadores eleitos, uma das vereadoras foi eleita para presidir o grupo.

A diplomação ficou agendada para acontecer no parlamento diademense, com alunos e alunas saindo da porta da escola e caminhando até o local, carregando cartazes com dizeres sobre a economia solidária, tendo a fanfarra da escola à frente e acompanhados por motociclistas do Departamento de Trânsito.

No dia 20 de abril o tempo nublado e uma leve garoa ameaçaram o grande acontecimento. Alunos, dirigentes e professoras, todos estávamos preocupados com o clima. Os adolescentes temiam ter que adiar um momento para o qual haviam se preparado há muito tempo, porém, a direção da escola, junto com o corpo docente tinha a responsabilidade de zelar pela saúde dos alunos. Mas assim que a garoa parou saímos em passeata ao som da fanfarra, parando o trânsito da cidade para protagonizar um momento único, com

a rua se transformando num espaço educativo, um espaço para a escola em movimento.

Assim como o carboidrato é fonte de energia para o corpo, as manifestações de rua são a fonte de energia para a democracia. Foi ocupando as ruas que os indianos conseguiram se livrar do domínio britânico, os negros norte-americanos conquistaram direitos civis e os brasileiros redemocratizaram a nação.

A posse aconteceu na Câmara de Vereadores, com direito a discurso do prefeito e da presidente da Câmara de Vereadores da Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária. O evento contou com ampla cobertura da imprensa local<sup>33</sup>, cujas edições da semana trouxeram reportagens explicando em detalhes o formato do projeto.

A prefeitura fica responsável por vender, de maneira simbólica sementes, mudas e adubo para as cooperativas, que realizarão o pagamento usando a moeda escolar JR. Por outro lado, toda produção das cooperativas é vendida, também de forma simbólica, para a prefeitura, num processo chamado de compra pública, idêntico ao que acontece com as cooperativas de agricultura familiar no âmbito do Pnae ou PAA. Todo o processo vai gerar planilhas e balanços os quais podem ser usados pelas professoras de matemática enquanto conteúdo de sala de aula.

---

<sup>33</sup> Ver Diadema Jornal 13/04/2017; Conexão Diadema 03/05/2017; C do ABC 17/05/2017e Catraca Livre 06/05/2017.

A professora de ciências ao descer para regar os canteiros com os alunos aproveita e aplica atividades como medição do tamanho das hortaliças, entre outras observações empíricas. Uma turma do terceiro ano chegou a cultivar hortelã miúda e preparar um cosmético orgânico sob a supervisão e orientação da docente enquanto que a legislação da Cidade João Ramalho possibilita amplos estudos nas matérias de geografia, história, filosofia e sociologia.

Abaixo está uma planilha registrando a compra de insumo feito pelas cooperativas junto ao município:

<b>Moeda Social JR</b>				
	<b>Ano</b>	<b>Cooperativa</b>	<b>Mudas</b>	<b>Adubo</b>
1	6° A	Uniestudo	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
2	6° B	Cooperação	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
3	6° C	Uniescolar	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
4	6° D	Uniwhite	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
5	6° E	Uniblack	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
6	6° F	CooperHorta	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
7	6° G	Uniforça	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
8	7° A	Unipreto	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
9	7° B	Unibeiija-flor	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
10	7° C	Uniouro	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
11	7° D	Uniblue	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00
12	7 ° E	Blackcooper	35x0,20=JR\$7,00	20kg=JR\$5,00

## **Legislação da Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária**

### **Preâmbulo**

A Cidade João Ramalho de Economia Solidária, consciente de sua responsabilidade perante a escola, seus familiares e a sociedade promulga a presente lei:

### **TÍTULO I**

#### **Dos Princípios Fundamentais**

Art. 1 A Cidade João Ramalho de Economia Solidária é formada pela união da Escola Estadual João Ramalho com a Casa da Economia Solidária de Diadema e tem como fundamentos:

- I – a valorização do ensino e da aprendizagem;
- II – o exercício da cidadania;
- III – a dignidade da pessoa humana;
- IV – o desenvolvimento sustentável;
- V – o empreendedorismo na perspectiva da economia solidária.

Parágrafo 2º - Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição Federal, Estadual, da Lei Orgânica do Município de Diadema e desta Legislação Escolar.

Art. 2 Constituem objetivos fundamentais do município:

I – cooperar com a qualidade do ensino relacionando as atividades práticas com os conteúdos teóricos da sala de aula;

II – formar cidadãos e cidadãs conscientes dos seus direitos e deveres;

III – proporcionar um ambiente favorável ao estudo e ao ensino;

IV – estimular nos alunos a participação e atuação solidária nas atividades e projetos da escola.

### **TÍTULO III**

#### **Da organização municipal e atribuições dos poderes**

Art. 3 A Cidade de João Ramalho reger-se-á por esta legislação;

Art. 4 São poderes do município o executivo, formado pelo prefeito e o vice-prefeito, o legislativo, formado pela câmara dos vereadores e o judiciário formado pela direção e coordenação pedagógica da escola.

I - Ao prefeito e o vice-prefeito compete, com auxílio dos representantes das cooperativas, da gestão escolar e da Casa da Economia Solidária, realizar e divulgar o planejamento anual da manutenção e ampliação da horta escolar, elaborar e organizar planilhas sobre as finanças municipais.

II- Aos vereadores e vereadoras compete eleger o presidente da Câmara, o qual coordenará as sessões conforme pauta pré-estabelecida; elaborar e votar

projetos de lei, fiscalizar o poder executivo e organizar audiências públicas para a participação da comunidade escolar nos assuntos do município.

III - O prefeito e os vereadores poderão ser destituídos do poder por demanda do judiciário, de forma com motivos expressos e claros, com a dependência de votação secreta e obrigatória de todos os cidadãos do município.

Art. 5 A sede do município é dentro da escola João Ramalho;

Art. 6 O território do município é o espaço da escola João Ramalho

## **TÍTULO IV**

### **Das Cooperativas**

Art. 7 As cooperativas serão formadas exclusivamente por alunos da escola João Ramalho;

Art. 8 Cada cooperativa elegerá sua diretoria;

Art. 9 As cooperativas serão responsáveis por colaborar na construção e manutenção das hortas e pelo desenvolvimento de atividades culturais, esportivas, de comunicação e outros projetos que vieram a surgir.

Art. 10 As cooperativas funcionarão no formato de autogestão no qual todos os alunos serão sócios cooperados com direito a voz e voto. Cada cooperativa terá uma direção formada por presidente, vice e secretário.

- I- Ao presidente, vice-presidente e secretário competem elaborar a pauta das reuniões;
- II- O secretário deverá redigir a ata das reuniões;
- III- As reuniões da cooperativa serão coordenadas pelo presidente, com o auxílio do vice;
- IV- A direção da cooperativa deve elaborar planilhas de finanças a serem apresentadas nas reuniões;
- V- O presidente representará a cooperativa em reuniões com a prefeitura ou com a câmara municipal e, quando for o caso, com a direção escolar;

## **TÍTULO V**

### **Das Eleições**

Art. 11 Todas cooperativas deverão lançar um candidato a prefeito e dois a vereadores.

Art. 12 Terá uma votação simples em cada cooperativa para lançamento de seus candidatos, sendo nomeados dois candidatos a vereadores e um a prefeito.

Art. 13 Será garantido o direito político de votar e ser votado.

Art. 14 Será eleito um prefeito, um vice-prefeito e 15 vereadores.

Art. 15 A votação será feita de forma secreta e obrigatória.

Art. 14 O mandato do prefeito e vereadores terá duração de dois anos sendo vedada a reeleição.

## **TÍTULO VI**

### **Das Finanças**

Art.16 A prefeitura realizará compra pública dos produtos e serviços oferecidos pelas cooperativas;

Art.17 A prefeitura recolherá os tributos referentes às atividades comerciais da cidade:

I – Serão cobrados 5% de ICMS- Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços sobre as atividades comerciais realizadas entre as cooperativas e a prefeitura;

II – Serão cobrados 5% de IPTU- Imposto Predial e Territorial Urbano pelo uso do terreno da escola;

III - Serão cobrados 5% pelo uso da água da escola somente sobre as atividades comerciais realizadas entre as cooperativas e a prefeitura que envolva produtos agrícolas.

Art. 18 A moeda social e oficial da Cidade João Ramalho de Economia Solidária será o JR;

Art. 19 A prefeitura será responsável pela venda de insumos para a horta escolar tais como: adubo, sementes e ferramentas;

Art. 20 Será criado o Banco Comunitário João Ramalho:

I – O banco é de propriedade coletiva e sua diretoria será eleita pelos associados;

I – A prefeitura deverá ter uma conta no banco, onde depositará os valores referentes aos tributos recolhidos e a venda de insumos para as cooperativas;

II – As cooperativas deverão ter uma conta no banco para depositar os valores referentes às vendas para a prefeitura;

## **TÍTULO VII**

### **Da comunicação**

Art. 21 O Jornal João Ramalho, doravante denominado Jornal JR é um empreendimento econômico solidário da Cidade e sua elaboração será de responsabilidade de uma cooperativa junto com representantes da escola.

No final do segundo semestre de 2016, por orientação da Diretoria de Ensino o João Ramalho organizou o evento “Gestão Democrática”, reunindo grupos de alunos para discutir formas de aperfeiçoar a gestão democrática da escola e refletir sobre os projetos recentes desenvolvidos na escola. Participamos do evento, a convite da direção, e ficamos muito felizes quando as diretoras nos informaram que os alunos se referiram ao projeto “Economia Solidária na Escola João Ramalho” como algo que mudou a escola. Foi o melhor prêmio que o projeto poderia receber.

## **Economia e qualidade na educação**

Ter alunos com acentuada defasagem em salas do 4º e 5º ano obriga professoras a ministrar, praticamente, dois conteúdos diferentes para uma mesma turma. Preparar uma aula implica em elaborar e estudar o conteúdo, definir a metodologia, aplicar a atividade, realizar intervenções, esclarecer dúvidas, corrigir e avaliar. Em salas aonde o desnível é acentuado é preciso realizar o mesmo processo duas vezes e dar duas aulas em uma. Em questões de ensino, quantidade e qualidade são indissociáveis.

Se para Durkheim educação é a ação exercida pelos pais e professores sobre crianças e adolescentes e “tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais”<sup>34</sup> é preciso verificar quais meios são necessários para se atingir os objetivos. Houve avanços na universalização das matrículas, na criação do piso salarial nacional e na introdução do especialista em artes e em educação física nos primeiros anos do ensino fundamental. O material didático oferecido pelo MEC é de qualidade enquanto o PNAIC, além de aperfeiçoar a formação docente, ainda remunera suas participantes.

Porém, dois aspectos responsáveis pela paralisia em termos qualitativos na educação básica tem raiz na própria legislação federal, como é o caso do artigo

---

<sup>32</sup> Durkheim, 1978, p. 41.

25 da LDB, quando discorre sobre “alcançar a relação adequada entre o número de alunos e o professor”, sem explicitar qual quantidade de alunos seria ideal em cada sala de aula a fim de que a escola possa cumprir seus objetivos. Assim como a lei é clara quando define um mínimo de 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar, ela deveria ser clara quanto ao tamanho das turmas e determinar um máximo de 25 alunos por sala.

O Plano Nacional de Educação, decênio 2014/2024, ao determinar, na meta 5 a alfabetização de todas as crianças até o 3º ano do ensino fundamental e, na meta 7 fomentar a qualidade da educação básica, propõe como estratégias para atingir as respectivas metas: definir diretrizes, criar indicadores, investir em tecnologias, estabelecer metas do Ideb e melhorar o desempenho no PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, porém, em nenhuma estratégia das duas metas consta a redução da quantidade de alunos por sala de aula. O Plano tem que ser explícito e determinar que as salas de aula devem ter no máximo 25 alunos, como estratégia tanto para alfabetizar na idade certa quanto para imprimir qualidade na educação básica.

Outro ponto crítico é o sistema de ciclos implantado pela primeira vez em 1988 na cidade de São Paulo, com objetivo de evitar a evasão escolar, e depois aplicada pela rede estadual paulista. A proposta, também conhecida como progressão continuada,

acaba com a reprovação, pois entende que o ritmo de aprendizagem entre os alunos, varia. Porém, se o formato não for acompanhado por um reforço concomitante no contra turno, em turmas com no máximo dez alunos sendo assistidos por professoras formadas e experientes, teremos como resultado a defasagem permanente e o analfabetismo funcional e político.

E novamente, tanto a LDB quanto o PNE não explicitam a formação continuada como ela deveria ser, e o que vemos em diversos estados e prefeituras é uma distorção da proposta. Progressão continuada sem, no mínimo, o reforço concomitante, não é progressão continuada, é aprovação automática.

Usarei um exemplo para ilustrar os resultados dessa distorção perversa: numa atividade de produção de texto os alunos deverão fazer uma reescrita de um dos capítulos do livro “O poço do Visconde”, de Monteiro Lobato. Para atingir o objetivo é preciso ler o texto para os alunos algumas vezes, realizar rodas de conversa e repertoriar a turma com outros textos e também canções e imagens sobre o tema. Uma aluna conclui a tarefa e a entrega para o professor. Em sua reescrita o magnata Rockefeller tenta roubar o petróleo brasileiro, porém, é impedido por Pedrinho, Emília, Narizinho e o Saci Pererê. Após ser derrotado Rockefeller volta para os Estados Unidos e a *Companhia Donabentense de Petróleo*, com ajuda do príncipe do Reino das Águas Claras, começa a extrair petróleo nos campos de pré-

sal e resolve investir metade do dinheiro em moradia, escolas e hospitais para que toda criança tenha onde morar e estudar e para que todos os doentes tenham tratamento. Porém Amanda, a amiga da Maria, por não saber escrever, não consegue realizar a atividade, fica triste e sentindo-se culpada.

Para que Amanda e outras milhares de crianças possam aprender a ler e escrever com fluência é preciso reduzir o número de alunos por sala de aula e aplicar a progressão continuada original, não a genérica, e tanto um quanto o outro precisa de recursos financeiros.

Ao priorizar o lucro e fechar os olhos para a sonegação de impostos no setor privado, e ainda manter privilégios no setor público, no qual o gasto, só com o judiciário, é de 1,2% do PIB enquanto na Alemanha se gasta 0,32%, na Itália, 0,19%, na Inglaterra e EUA 0,14% e 0,12% na Espanha<sup>35</sup>, a economia passa a não ser solidária.

Comparado a outros países, o quadro de funcionários públicos brasileiros não é alto. Enquanto nos Estados Unidos o percentual é de 14,4 no Reino Unido são 18,3; na Noruega 30,5 no Brasil o índice é de 10,8. São 11,1 milhões de funcionários públicos dentre os quais 660 mil são assessores municipais, estaduais e federais<sup>36</sup>. Enquanto existe um exagero na quantidade de assessores, falta professores, o que acarreta em

---

<sup>35</sup> Ver matéria completa em Carta Capital, Caro e Ineficiente.

<sup>36</sup> Ver matéria completa em Revista Época, Brasil gasta demais com funcionários públicos.

salas superlotadas, excesso de aula de vaga, excesso de dispensa de alunos, sobrecarga e adoecimento de professoras e professores e altos índices de analfabetismo e analfabetismo funcional. E ainda tem gente que diz que os alunos não aprendem porque a aula oferecida pelos docentes é “desinteressante”. Uma sala com 30 a 45 alunos é desinteressante não só para os estudantes, mas também para as professoras, famílias e para a sociedade. Portanto, a educação não precisa de palpite, e dispensa achismos, a educação precisa de verbas e, principalmente, do uso responsável dessa verba.

No quesito estrutura, o documentário “Pro dia nascer feliz” mostra a situação de escolas no interior de Pernambuco, nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro e num colégio particular paulista. Nos exemplos da rede pública nenhuma novidade: transporte escolar precário, prédios inadequados, banheiros sem telhado ou descarga e, em algumas unidades, nem banheiro tem. O Brasil gastou bilhões em reformas e construção de estádios para a Copa do Mundo e Olimpíadas, tendo por objetivo apresentar instalações no chamado “padrão FIFA”, mas foi incapaz de reestruturar sua rede pública de ensino. Ou se usa o dinheiro para construir escolas de qualidade, ou se usa o dinheiro para eventos esportivos. Ou isso, ou aquilo.

Na outra ponta, uma das estudantes do tal colégio particular, onde se percebe claramente uma

quantidade adequada de alunos nas salas de aula, onde se percebe instalações em ótimo estado, uma das jovens entrevistadas no documentário conseguiu atingir seu objetivo: ingressou no curso de Engenharia Civil da USP. Enquanto a massa não puder usufruir do biscoito fino de uma estrutura de ensino adequada, milhões de jovens continuarão amargando uma vida que poderia ter sido, e não foi.

## **Economia Solidária no Plano Municipal de Educação de Diadema**

O PNE-Plano Nacional de Educação foi lançado em 2014 pelo governo federal, estabelecendo metas, estratégias e diretrizes para a educação nacional pelos próximos 10 anos. A partir de sua divulgação, estados e municípios tem por dever elaborar e publicar os seus.

Em 2015 a Secretaria Municipal de Educação de Diadema constituiu uma equipe técnica para elaborar o Plano. O grupo foi formado por representantes da educação infantil, ensino fundamental, educação especial e educação de jovens e adultos entre outros. Na ocasião, representei a Ipeps com o objetivo de articular metas e estratégias com a política pública de economia solidária e após muitas reuniões, discussões e consenso, o tema foi contemplado nos seguintes pontos:

**Meta 6:** *Oferecer educação em tempo integral em,*

no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 30% (trinta por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica.

6.4) Fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, centro público de economia solidária, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas, planetários e outros.

**Meta 9:** Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 96,5% (noventa e seis inteiros e cinco décimos por cento) até 2016 e, até o final da vigência deste PME, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional.

9.6) Implementar programas de formação tecnológica da população jovem e adulta, direcionados para os segmentos com baixos níveis de escolarização formal e para os (as) alunos (as) com deficiência, articulando os sistemas de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, as universidades, as cooperativas, associações e o centro público de economia solidária, por meio de ações de extensão desenvolvidas em centros vocacionais tecnológicos, com tecnologias assistivas que favoreçam a efetiva inclusão social e produtiva dessa população.

**Meta 10:** Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco

*por cento) das matrículas de Educação de Jovens e Adultos, nos ensinos Fundamental e Médio, na forma integrada à educação profissional.*

*10.10) Articular a Educação de Jovens e Adultos com o Centro Público de Economia Solidária e a Fundação Florestan Fernandes.*

**Meta 11:** *Elevar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público.*

*11.6) Articular a Educação Profissional com o Centro Público de Economia Solidária.*

A etapa seguinte foi submeter a proposta do PME ao conhecimento da população, em reuniões que aconteceram em algumas unidades de ensino cujos dias e horários foram previamente informados nos canais oficiais da prefeitura. A última reunião antes da audiência pública aconteceu no Teatro Clara Nunes e o último passo antes da aprovação no parlamento diademense foi a audiência pública com ampla participação de representantes de escolas, ONGs, igrejas e universidades.

A lei foi aprovada e sancionada em 12 de abril de 2016, mas algumas ações já vinham acontecendo, como no caso da educação integral, com a qual o Centro Público de Economia Solidária se articula

desde 2013, e com turmas de EJA nas escolas Cora Coralina, Átila Ferreira Vaz e Mário Santalúcia.

## **Economia Solidária no Ensino Superior**

Existem atualmente 62 Incubadoras Universitárias espalhadas pelo país. Elas formam a Rede ITCPs<sup>37</sup> e atuam com ensino, pesquisa e extensão buscando produzir “tecnologias sociais voltadas aos empreendimentos econômicos solidários”. Porém, nem sempre é preciso ter uma Incubadora para atuar com o tema. Na região metropolitana de São Paulo a UFABC desenvolveu projeto de extensão junto a cooperativas de catadores de Diadema e coletivos de produção cultural do ABC<sup>38</sup>.

A Unifesp, campus Diadema, por meio de um edital do CNPq<sup>39</sup> realizou projeto de pesquisa e desenvolvimento tecnológico com empreendimentos de comida de rua. A primeira ação foi colocar quatro estagiários a campo para coletar algumas amostras de churrasco e tapioca. O material coletado foi submetido à análise microbiológica e, sem revelar de onde eram as amostras, pois se tratava de uma pesquisa às cegas, os resultados foram apresentados aos participantes como parte da formação sobre boas práticas e qualidade dos alimentos. A Universidade realizou também uma

---

<sup>37</sup> Ver site ITCP-USP

<sup>38</sup> SERRA, Neusa; FARIA, Hamilton (Org.). Economia solidária da cultura e cidadania cultural: desafios e horizontes. SBC, SP, edUFABC, 2016.

<sup>39</sup> MCTI-SECIS-TEM-SENAES-CNPq N° 21/2015

pesquisa de campo inédita com 300 moradores para saber qual era a visão da população sobre a comida de rua e, além disso, com orientação de uma engenheira de alimentos foram criados alimentos funcionais nos dois empreendimentos.

Já a Unicamp<sup>40</sup> realizou um seminário no qual o professor Renato Dagnino propôs uma inversão: ao invés de destinar recursos somente para pesquisas industriais, seria mais interessante direcionar uma parte para pesquisas sobre economia solidária, onde seria maior a possibilidade de gerar postos de trabalho aliados à oferta de produtos e serviços com qualidade.

Na Ipeps recebemos muitos estagiários da FAD – Faculdade Diadema, principalmente dos cursos de pedagogia e administração, e a faculdade cederá espaço para a realização do Seminário Estadual de Economia Solidária, nos dias 8 e 9 de agosto, organizado pela Casa da Economia Solidária em parceria com a Superintendência do Ministério do Trabalho no Estado de São Paulo. Consta em seu currículo atividades referentes à empresa júnior, com vistas a aproximar seus alunos de uma vivência empreendedora na perspectiva do mundo corporativo. Para o evento estadual, sugeri a criação de uma cooperativa júnior para funcionar no formato dos empreendimentos de economia solidária.

---

<sup>40</sup> Ver site do Jornal GGN, Luis Nassif online, economia solidária.

## **Considerações finais**

O Centro Público de Economia Solidária de Diadema é um dos mais atuantes e estruturados e sai na frente em termos de inovação com o projeto Economia Solidária na Escola, presente em 21 unidades de ensino da rede pública, onde atua com atividades de horta escolar articulada com vivências de empreendedorismo, educação ambiental e alimentação saudável, além das atividades de reciclagem articuladas com as cooperativas de catadores e ações de cidadania.

Mais de 300 profissionais, entre os quais professoras, diretoras, e coordenadoras pedagógicas participaram de atividades de formação durante o HTPC-Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, assistindo vídeos e palestras e concorrendo a sorteio de brindes. Em torno de 500 estagiárias e estagiários tiveram a mesma vivência no auditório da Fundação Florestan Fernandes, com direito a oficinas de horta suspensa e ecobrinde e, desde o início do projeto, em 2013, aproximadamente seis mil crianças da educação infantil, ensino fundamental I e II, adolescentes do ensino médio e estudantes da EJA participaram de atividades oferecidas pelo projeto.

O desenvolvimento de ações sobre o tema no meio educacional dispensa receitas. A prova disso são universidades que, mesmo não tendo uma Incubadora, realizam atividades de pesquisa e extensão em economia

solidária, como vimos em um texto anterior. Portanto, é absolutamente viável estudar economia solidária nas redes de ensino, mesmo em cidades desprovidas de um centro público ou de legislação que trate sobre o assunto.

Além de entrar como tema transversal, a economia solidária pode transitar pela educação por meio de seus empreendimentos. Como no caso das cooperativas agrícolas, onde já se podem encontrar casos de escolas em que as crianças consomem alimentos produzidos pelos próprios pais. É um exemplo passível de se expandir para outros produtos e serviços, como a confecção de uniformes feitas por cooperativas formadas por mães, avós e até pais de alunos. Pode-se incluir nesse grupo cooperativas de limpeza, substituindo o formato exploratório de empresas terceirizadas, e o mesmo vale para serviços de jardinagem e manutenção.

O material didático, geralmente comprado junto às grandes editoras também pode ser produzido por empreendimentos econômicos solidários, tendo um conteúdo elaborado de forma coletiva e que reflita toda a diversidade presente no tecido social.

E até a atividade fim é compatível com o formato, uma vez que diversas prefeituras contratam creches conveniadas as quais geralmente funcionam no formato de empresa particular. Estas entidades poderiam dar lugar a cooperativas educacionais com administração

democrática e divisão justa dos rendimentos. Tal possibilidade fortalece a importância da criação de cooperativas júnior nas faculdades, proporcionando experiências de gestão coletiva desde a formação acadêmica, tendo como objetivo preparar professoras e professores aptos a inserir e desenvolver esta nova proposta de gestão escolar nas redes de ensino.

Por fim, a economia solidária pode ser algo contemplado no projeto pedagógico e previsto para ser aplicado em todas as turmas de uma mesma escola, ou então uma atividade de sequência didática realizada em sala de aula por apenas uma professora.

O importante é começar a desvelar a história, os princípios e benefícios da economia solidária, pois, mesmo num oceano de competição e individualismo, é possível encontrar espaços nos quais as pessoas ainda estão interessadas em ajudar umas às outras de maneira incondicional.

## Bibliografia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

CHOMSKY, Noam. Notas sobre o anarquismo; tradução: Felipe Corrêa. São Paulo, Imaginário, 2004.

DURKHEIN, Émile. Educação e sociologia; tradução Prof. Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

NEILL, Alexander Sutherland. Liberdade sem medo – Summerhill. São Paulo, IBRASA, 1980.

PARO, Vitor Henrique. Administração escolar: introdução crítica. São Paulo, Cortez, 1986.

RAMONET, Inacio. A explosão do jornalismo: das mídias de massa a massa de mídias; tradução Douglas Estevam. São Paulo, Publisher Brasil, 2012.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Global, 2015.

SERRA, Neusa e FARIA Hamilton (Org.). Economia solidária da cultura e cidadania cultural: desafios e horizontes. São Bernardo do Campo, editora UFABC, 2016.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.